



ANILINAS



— ESCUDO SANITARIO —



— 241 —

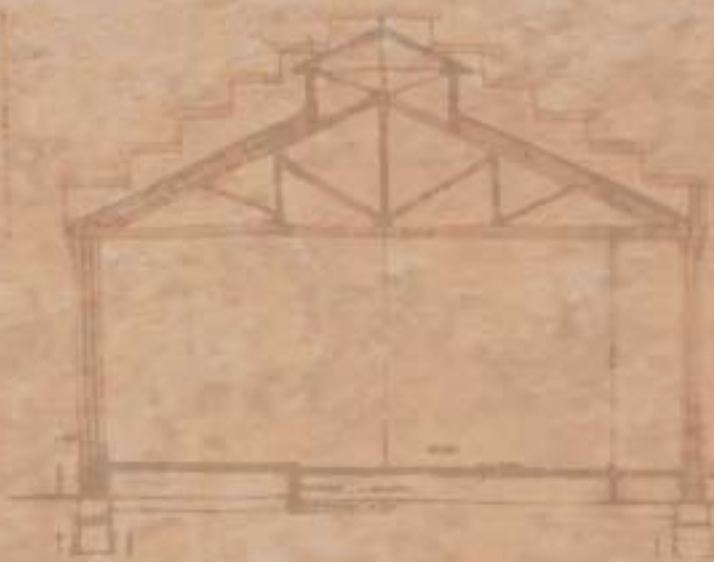
SECTIONAL ELEVATION



SECTIONAL ELEVATION



SECTION TRANSVERSE



SECTIONAL ELEVATION



FICHA TÉCNICA

PRODUÇÃO Cia. da Cultura

PESQUISA E TEXTO Celma de Souza Pinto

AUXILIARES DE PESQUISA Edite Carneiro de Farias
Anika Di Mase

PROJETO GRÁFICO Fausto Carneiro

ACERVO FOTOGRÁFICO E
RESTAURAÇÕES Rolando Roebbelen

REVISÃO Rosa dos Anjos de Oliveira

Pinto, Celma de Souza.

Anilinas / Celma de Souza Pinto. Acervo
fotográfico de Rolando Roebbelen. – Cubatão,
2009.

96 p. : il.

ISBN: 978-85-905229-3-5

1. Cubatão. 2. Industrialização. 3 História
da indústria. I. Título.

CDU: 330.341.424(816.1)

ANILINAS

Celma de Souza Pinto

Rolando Roebbelen
(acervo fotográfico)

Obra produzida
com apoio da



Cubat,,o 2009

APRESENTAÇÃO

A Carbocloro S.A. Indústrias Químicas, baseada no compromisso com a sociedade, com a melhoria contínua e no respeito ao meio ambiente, mantém a tradição de uma empresa que possui vínculo com a cidade onde está inserida.

Com o oferecimento desta obra, a Carbocloro presta uma homenagem a Cubatão, onde está instalada desde 1964 e produz matérias-primas indispensáveis para a vida humana.

“Anilinas” resgata, de forma clara e objetiva, a história da primeira fábrica estabelecida nesta cidade, bem como o dia-a-dia das pessoas que ali trabalharam e viveram.

A Carbocloro confirma a admiração e o respeito que dedica a Cubatão, através desta obra que marca o início da industrialização e parte da sua história.

Boa leitura.



SUMÁRIO

9



INTRODUÇÃO

13



SOBRE O FOTÓGRAFO

15



ASPECTOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

16



A FÁBRICA DE JOSÉ BATISTA DUARTE
1917 A 1924

19



NASCE A CIA. DE ANILINAS E
PRODUCTOS QUÍMICOS DO BRASIL

21



A PRODUÇÃO

27



ASPECTOS DA ARQUITETURA

31



A VILA OPERÁRIA

34



A VIDA DENTRO DA FÁBRICA

34



TRABALHO E LAZER

43



PERSEGUIÇÃO AOS ALEMÃES DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

45



FALÊNCIA DA CIA. DE ANILINAS

54



DEPOIMENTO DE GERD GUSTAV JOHN JØRGENS

64



A IMPORTÂNCIA DA CIA. ANILINAS

67



ANILINAS EM DOIS TEMPOS

89



BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A motivação para fazer esta publicação surgiu da necessidade de divulgar e dar crédito a uma série de fotos da Cia. de Anilinas e Productos Químicos do Brasil feitas por Hermann Gustavo Roebbelen, funcionário da “Química”, como era conhecida a fábrica em Cubatão, e, datadas, em sua maioria, dos anos 30 e 40 do século 20. Ao organizar as imagens, foi realizado um breve histórico, cujo objetivo é proporcionar uma noção do que era a fábrica, o que produzia e, também, sobre as pessoas que ali trabalharam e viveram, para que a série de fotografias possa ser melhor entendida e apreciada. Assim, esta publicação não se atém somente ao período das fotografias. Algumas imagens de outros acervos também foram incluídas nesta obra e estão identificadas nas legendas.

A Cia. de Anilinas pertencia a John Jürgens, um empresário alemão, naturalizado brasileiro e radicado no Rio de Janeiro, onde estava a sede de sua empresa, que abrangia um universo empresarial complexo. Por isso, a publicação privilegia um recorte das informações relativas somente à fábrica de Cubatão.

Para dar uma dimensão do aspecto arquitetônico, é apresentada a planta do primeiro galpão, encontrada junto com o pedido para a construção da fábrica, em 1916, e que pertence ao Arquivo Permanente de Santos.

O período de existência da Cia. de Anilinas, em Cubatão, vai de 1924 a 1966, ano da falência; porém, pode ser estendido a 1973, quando houve a decisão judicial que exigiu a retirada de um grupo de ex-funcionários das casas da vila operária, após longo embate de questões trabalhistas.

Do início da sua instalação até o fechamento, a história da Cia. de Anilinas, em Cubatão, bem como a da empresa de John Jürgens, tem como pano de fundo as grandes mudanças econômicas e sociais ocorridas no Brasil e no mundo, na primeira metade do século 20. Nesse sentido, vale ressaltar as duas grandes Guerras Mundiais e a perseguição aos alemães no Brasil. Engloba, ainda, o desenvolvimento da indústria química no país e a formação do operariado e dos sindicatos.

A falência da fábrica nos anos 60 é significativa, pois ocorreu no início de uma nova época em Cubatão, que é a da sua consolidação como polo industrial, com transformações sociais e econômicas incríveis. Foi a partir da década de 60 que Cubatão tomou uma feição industrial com um aumento significativo do número de indústrias de porte e o estabelecimento de empresas de construção e de serviços, bem como do crescimento incessante de sua população. A paisagem agrícola com suas pequenas fábricas e vilas operárias foram definitivamente suplantadas pela grandiosidade imposta pelas novas e imponentes construções .

Tais fatos conferem à Cia. de Anilinas uma trajetória complexa, que merece cuidadosos estudos uma vez que essa fábrica se insere no início da industrialização tanto local quanto do Estado de São Paulo, merecendo seu lugar na historiografia sobre a industrialização no Brasil. Por esse motivo, esta publicação pretende, além da divulgação das imagens de Gustavo Roebbelen, despertar o interesse por pesquisas relativas à fábrica e à industrialização cubatense.

Este trabalho certamente não seria possível sem a contribuição das senhoras Carmela Laina de Almeida, Ondina da Silva e Silva, Darcy Silva, Elza Couto, Sonia Maria de Souza Maia, Dilce Ferreira dos Santos, Darci Chumbo de Mendonça, Helena da Silva Chumbo (*in memorian*) e Guiomar Roebbelen (*in memorian*), que, com seus relatos, mostraram a vida dentro da fábrica.

Merece um agradecimento especial Gerd Gustav John Jürgens, um homem culto e sensível, cuja história de vida se confunde com a história da fábrica. Seu testemunho e interesse revelaram informações preciosas para entender os acontecimentos daquela época.



*Portaria da Cia. de
Anilinas voltada para a
atual rua Bernardino de
Pinho gomes e avenida
Nove de Abril*



Hermann Gustavo Roebbelen

SOBRE O FOTÓGRAFO

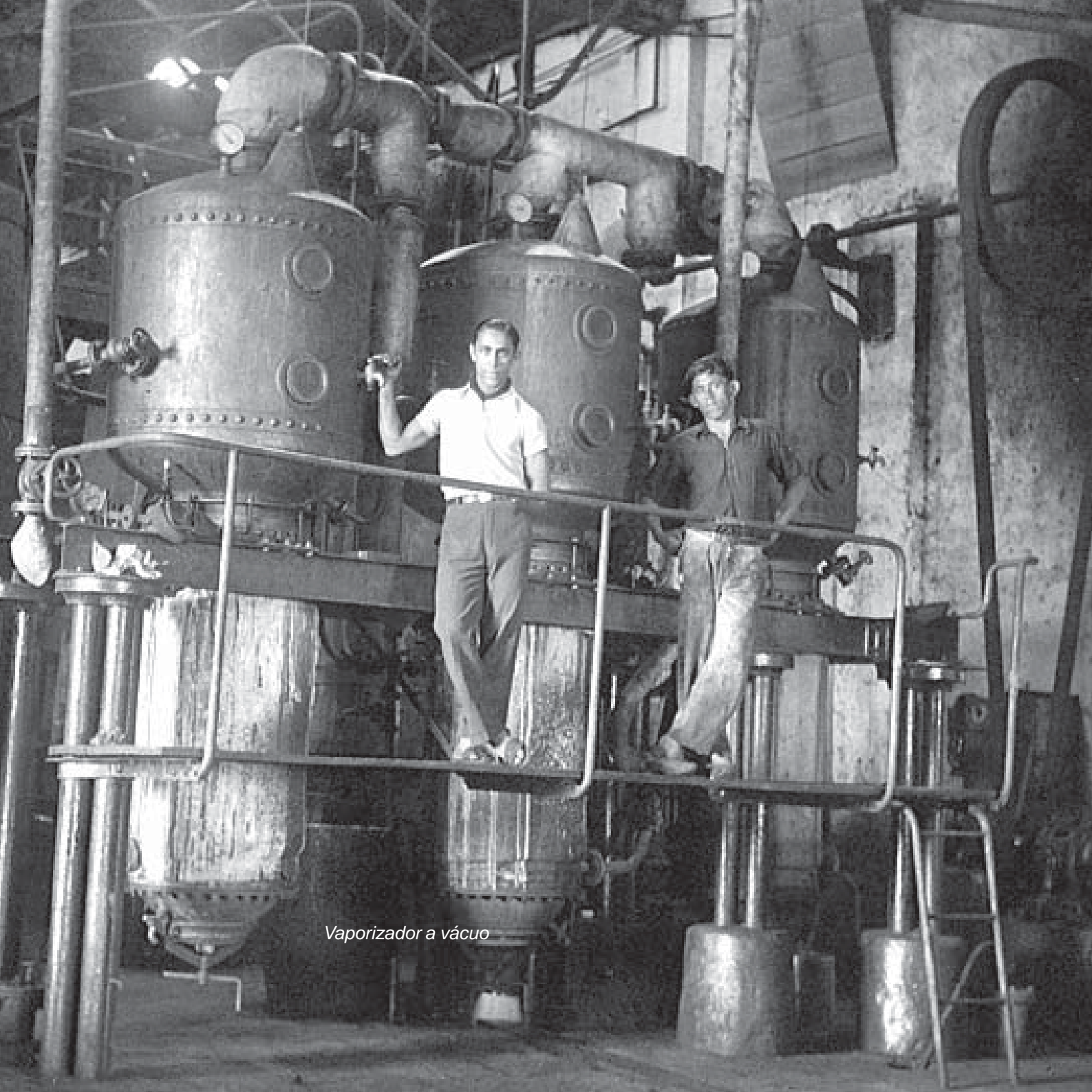
A série de fotos que Gustavo Roebbelen realizou entre 1935-1937 constitui um rico testemunho da fábrica, que teve uma importância muito particular para inúmeros cubatenses. Foi por meio destas fotos que a Cia. de Anilinas ficou para sempre registrada na memória daqueles que nunca chegaram a ver a sua rica arquitetura industrial, composta de grandes galpões e um conjunto de casas, numa época em que Cubatão era apenas um bucólico lugarejo coberto por plantações de banana.

Roebbelen nasceu em 4 de fevereiro de 1917, em São Paulo. Seus pais, Hermann Roebbelen e Albertine Joana Roebbelen, eram alemães, naturalizados brasileiros, e possuíam uma fazenda em Botucatu, interior paulista, onde Gustavo cresceu. Ainda menino, foi enviado para um colégio interno na Suíça, mas a crise de 1929 prejudicou os negócios de sua família e, diante da dificuldade de se manter na Europa, Gustavo retornou para o Brasil. Em 1934, estava com 17 anos e tinha concluído o curso de técnico em química, fato que lhe garantiu uma colocação na Cia. de Anilinas.

Em Cubatão, conheceu Guiomar Ferreira, neta de Miquelina Domingues, dona da pensão onde fazia diariamente suas refeições e com quem se casou, em 1943. O jovem casal passou a residir na “colônia”, ou vila de operários, e tiveram dois filhos, Rolando e Érica.

Na Cia. de Anilinas, ocupou o cargo de encarregado das seções de tintas e vernizes e de químico responsável pelo laboratório de análise. Quando saiu da fábrica, em 1944, além da atividade de químico, havia trabalhado como técnico eletrônico, tradutor, intérprete e professor das línguas alemã e inglesa.

Embora não fosse fotógrafo de ofício, Gustavo Roebbelen conseguiu produzir imagens de excelente qualidade, que constituem o mais importante acervo sobre a Cia. de Anilinas em Cubatão. A sensibilidade ao mostrar cenas tão triviais do trabalho, do lazer dos funcionários e de sua própria família permitiu aos cubatenses conhecer aspectos desta grande fábrica em um momento incipiente da industrialização do município e do país, mantendo sua memória para as futuras gerações.



Vaporizador a vácuo

ASPECTOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

A industrialização no Brasil iniciou-se em fins do século 19, quando a atividade fabril passou a ocupar mais espaço dentro da economia nacional. Este quadro acelerou-se especialmente a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando, entre outros fatores, aconteceu uma brusca diminuição da importação de manufaturas dos países em guerra, o que contribuiu para reduzir a concorrência estrangeira, abrindo um terreno favorável para a diversificação da produção industrial no país (Prado Jr., 1980, p. 271). Além do mais, nesse período houve a instalação de diversas indústrias subsidiárias de grandes empresas estrangeiras que viam no Brasil uma chance para contornarem as tarifas alfandegárias e aproveitarem a mão de obra barata, além de encontrarem uma rede de transportes em pleno desenvolvimento (Versiani, 1987, p. 10). Esse surto expansionista da indústria brasileira, iniciado a partir de 1914, estendeu-se até início de 1920.

A produção industrial desse período se baseava, em geral, na fabricação de bens de primeira necessidade, como tecidos, produtos alimentícios e objetos de uso pessoal – chapéus e calçados –, ou para o trabalho.

Nesse contexto, São Paulo começou uma fase de crescimento industrial marcadamente diferenciada, que iria permitir uma expressiva concentração industrial. Vários fatores podem servir de base para esse desenvolvimento isolado, entre eles a acumulação de capital gerado pela economia cafeeira, a atração de investimentos externos, a energia elétrica farta e de baixo custo e, também, a forte imigração, que permitiu a formação de uma nova classe de trabalhadores para suprir com mão de obra as incipientes indústrias. Nessa nova conjuntura, já se fazia notar a formação de vilas operárias e de sindicatos influenciados pelo ideal anarquista, trazido pelos italianos.

A presença de imigrantes de várias partes do mundo também favoreceu o aparecimento de uma classe empresarial emergente, pois os estrangeiros traziam consigo, além do conhecimento técnico, o desejo de ascensão social. Entre 1907 e 1919, observa-se que a indústria paulista deu um grande salto quantitativo, crescendo mais do que o dobro da indústria no resto do país (Cano, 1990, p. 258).

Mesmo com tais avanços, somente a partir dos anos 30, durante o governo de Getúlio Vargas, é que o Brasil começa a estruturar seu parque industrial, com a construção de indústrias de base, como por exemplo a Companhia Siderúrgica Nacional, criada em 1941. Após a Segunda Guerra, essa expansão industrial sofre uma desaceleração, porque a política governamental naquele momento voltou a privilegiar o estímulo à importação. Com o retorno de Vargas ao poder, a criação da Petrobras, em 1953, tornou-se um marco do projeto industrial brasileiro, que é finalmente consolidado a partir de 1954, no governo de Juscelino Kubitschek.

A FÁBRICA DE JOSÉ BATISTA DUARTE – 1917 A 1924

No Brasil, o surto de industrialização provocado pelo término da Primeira Guerra Mundial despertou a Nação para a importância da indústria química, especialmente pela necessidade cada vez maior de importar materiais químicos e equipamentos industriais.

Até 1890, a indústria química no Brasil se concentrava na fabricação de velas e fósforos. Em 1920, essa atividade dizia respeito basicamente à perfumaria, fósforo, tinta de escrever, óleos vegetais, cola, anil, adubos orgânicos, graxa para sapato, papel e papelão, velas de cera e lamparinas e tintas e vernizes (Brasil. Ministério da Agricultura, 1927, p. 144).

Com o desenvolvimento industrial e a aplicação de novas tecnologias a partir do século 19, o Brasil conseguiu alguns avanços para atender à crescente demanda de produtos, inclusive na produção de tintas e corantes que serviam para a indústria têxtil, o ramo que mais progrediu no estado de São Paulo, até os anos 30. Nesse contexto, era crescente a preocupação em desenvolver tintas que, em geral, eram feitas a partir de bases vegetais, com plantas nativas.

A produção de corantes é uma atividade antiga. Desde 3.000 a. C. o homem tem o hábito de tingir roupas a partir de substâncias naturais extraídas de madeiras, frutas, folhas, sementes e, também, de animais (Carrara, Meirelles, 1996, p. 41). Até a época do Império, o Brasil foi um grande exportador de materiais corantes, como o pau-brasil, anil, ucurum, pau-violeta, entre outros, e importava os produtos já processados, a exemplo do pau-brasil, que voltava na forma de extrato. Assim, até o final do século 19, embora tivesse matéria-prima abundante, o país

importava corantes e tintas para os tecidos por um alto preço. Dessa forma, a instalação de uma fábrica de corantes em Cubatão possivelmente surgiu como pressão de uma demanda crescente por tinturas, tanto do setor têxtil quanto do de couros.

A J. B. Duarte S/A foi constituída em 1914, por José Batista Duarte, um comerciante de São Paulo, para fazer produtos químicos para a indústria têxtil¹. Segundo Peralta (1979, p. 82) e Couto (2003, p. 16), inicialmente a denominação era Fábrica de Produtos Químicos e Corantes Santa Cléo, cuja matriz ficava em São Paulo.

A construção da fábrica, em Cubatão, se deu em 1916. A intenção era fazer tinturas a partir de plantas nativas, ou seja, com base vegetal. Esse tipo de fabricação ainda era muito tímido no início do século 20, uma vez que, nesse ano, se tinha notícia somente da Fábrica de Tinta Machado, em Minas Gerais. A J. B. Duarte seria, então, a primeira no Estado de São Paulo para esse fim, com a expectativa de produzir tintas a partir da inglotina (Elliot, 1921, p. 271-272) uma substância obtida da casca do mangue, planta encontrada em grande quantidade na região cubatense, naquela época.

Assim, a presença de manguezais, parece ter sido a grande motivação para a instalação da J. B. Duarte em Cubatão, aliada ao fato de o local ter uma estrutura de transporte pela proximidade com a estação da Estrada de Ferro São Paulo Railway, que fazia conexão com o porto de Santos e a capital do Estado, bem como água em abundância, essencial para a produção fabril.

A fábrica entrou em operação em 1916, produzindo corantes, tanino e adubos (Couto, 2003, p. 33). Ficava situada no centro da cidade de Cubatão, à beira de sua avenida principal, e tinha ligação com o manguezal por meio do rio Capivari Pequeno, que circundava a fábrica. Nesse pequeno rio havia um porto próximo da entrada principal, para descarregar os troncos, usados como lenha, e as folhas de mangue. A fábrica da empresa J. B. Duarte era um projeto ambicioso que já previa a construção de 30 casas destinadas aos empregados. Com o correr dos anos, a fábrica ampliou suas instalações, passando a produzir vários outros produtos. Em 1923, a empresa de José Batista Duarte tinha cerca de 100 empregados (Peralta, 1979, p. 82).

¹ A partir de 1936, tornou-se Indústrias J. B. Duarte S/A, passando a produzir óleos vegetais para fins industriais e alimentícios, conforme anunciado no sítio da empresa, ainda existente (www.jbd.com.br).



NASCE A CIA. DE ANILINAS E PRODUCTOS CHÍMICOS DO BRASIL

Em 1924, a empresa que possuía a fábrica de Cubatão passou a chamar-se Sociedade J. B. Duarte & Cia Ltda.² Apesar de a razão social permanecer com o nome de Duarte, ela foi comprada por um empresário carioca, proprietário da empresa Jonh Jürgens & Cia. Mesmo sem precisar a relação legal que se estabeleceu entre esses empresários, o fato é que, a partir de então, Jürgens passa a dirigir a fábrica.

Industrial alemão, John Jürgens era estabelecido no Rio de Janeiro. Formado em comércio exterior, em 1906 veio para o Brasil como representante de uma grande firma atacadista de produtos químicos e anilinas, da cidade de Hamburgo. A representação de empresas alemãs era uma atividade relativamente comum naquele período, uma vez que, desde o século 19, a Alemanha já despontava como líder mundial no ramo químico, sendo a maior exportadora desses produtos, inclusive para o Brasil. Até a Segunda Guerra, era o único país com uma indústria completa de fabricação de anilinas e, portanto, o maior supridor desse produto no mundo (Jobim, 1942, p. 200). Após a Primeira Guerra, os germânicos supriam o mercado brasileiro com 70% de produtos químicos diversos, como álcalis, sulfatos, sulfetos, fertilizantes e, certamente, anilinas.

J. Jürgens veio para o Brasil em meio a essa expansão da indústria química alemã. Inicialmente morou em Curitiba e, um ano depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, estabelecendo relações com empresários da comunidade alemã, muitos de importantes firmas, que o ajudaram a se fixar. Logo, tornou-se representante da fábrica de charutos Suerdieck, cuja sede ficava em Maragogipe, na Bahia.

Com uma visão inteligente do mundo dos negócios, abriu uma pequena empresa, a Cia. Jonh Jürgens, e passou a importar mercadorias variadas da Alemanha, incluindo produtos químicos e anilinas, materiais com os quais já havia conquistado certo conhecimento devido ao seu trabalho como representante comercial.

Em 1920, J. Jürgens convidou um conterrâneo, Karl Michaelis, que possuía grande experiência com representação comercial e distribuição de mercadorias de firmas alemãs no Oriente, para

² Conforme escritura anexada no processo municipal n. 6902/70, p. 77.

ampliar seus negócios no Brasil. Assim nasceu a firma John Jürgens & Cia. que, em 1924, adquiriu a fábrica que pertencia a José Batista Duarte, em Cubatão.³ Mesmo com o arrefecimento da indústria nacional, naquele momento, o objetivo era transformar a fábrica em uma indústria química, com novos produtos e as modernas tecnologias existentes. Junto com Michaelis, um projeto de expansão foi iniciado, com a introdução de novos equipamentos, ampliação das construções e da área da fábrica.

A empresa de John Jürgens também se ampliou e passou a ter filiais nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Pernambuco, Pará, entre outros. A sede era no Rio de Janeiro, e se manteve no ramo de importação de produtos químicos, entre os quais estavam os preparados medicinais e farmacêuticos, que representavam um dos ramos mais importantes e rentáveis da indústria química, uma vez que o Brasil dependia dos compostos químicos importados para fabricar os medicamentos nos laboratórios brasileiros. Até os anos 40, o Brasil era um grande importador de compostos químicos para fabricação de medicamentos e, nesse ramo, a Alemanha era a única supridora do país, até a Segunda Guerra (Jobim, 1942, p. 233-9).

No início dos anos 40, no Brasil havia cerca de 100 estabelecimentos atacadistas, dedicados a esse mercado. A quase totalidade ficava no Rio de Janeiro e em São Paulo (Jobim, 1942, p. 239), o que era vantajoso para a empresa de Jürgens, pois em virtude de ter filiais em vários pontos do Brasil, facilitava a distribuição desses e outros produtos.

A Cia. de Anilinas, em Cubatão, era apenas um dos negócios da firma de J. Jürgens, e correspondia a boa parte do faturamento da empresa, pois houve um empenho bastante grande para melhorar a produção. No final dos anos 20, a fábrica era a primeira indústria do Estado de São Paulo em força motriz, a segunda em número de operários, que chegavam a 100, e a terceira em capital (Peralta, 1979, p. 83).

Ainda nos anos 20, a empresa adquiriu vários terrenos, e a área total da fábrica passou a ser de 210.000m², que se estendia do centro do povoado até o rio Cubatão. Já a empresa passou

³Essa data não é conclusiva pela falta de documentos que a comprovem. Porém, em 1924 o químico alemão Erik Schirm foi contratado por J. Jürgens para trabalhar na fábrica (cf. Rheinboldt, 1955, p. 70).

a abarcar um novo negócio, que era o de representação de máquinas de terraplenagem, rolos compressores, escavadeiras e máquinas de cimentar estradas, que eram vendidas em todo o Brasil. Segundo depoimento de Gerd Jürgens,⁴ essas máquinas foram pioneiras no Brasil porque outras grandes firmas de maquinário, como a Caterpillar, só se estabeleceram no país anos depois. Com uma demanda crescente no mercado da construção rodoviária, a área de maquinário se transformou em um dos principais negócios da empresa de J. Jürgens.

Ainda nos anos 30, uma desavença pôs fim à sociedade de Jürgens com Michaelis, interrompendo o projeto de transformar a fábrica de Cubatão em uma indústria química avançada, pois os contatos com as empresas alemãs que dariam suporte a esse intento dependiam de seu sócio.

A empresa passou a ter a denominação de Cia. de Anilinas e Productos Químicos do Brasil, e a fábrica continuou com a produção que já desenvolvia e cuja estrutura havia sido montada até então, contando com o suporte de técnicos especializados, vindos da Alemanha.

Como Jürgens era muito atento às necessidades do mercado brasileiro, também conseguiu a representação de uma indústria alemã que fazia estações meteorológicas, vendidas por ele em diversas partes, especialmente para aeroportos. Possivelmente, a representação desses equipamentos, e do maquinário para construção de rodovias teve influência na mudança da denominação da empresa que, na segunda metade dos anos 30, passa a ser Cia. de Anilinas, Produtos Químicos e Material Técnico.⁵ Ao se iniciar a década de 40, a empresa de J. Jürgens tinha centenas de funcionários. Só na fábrica de Cubatão havia, aproximadamente, 150.

Em 1943, com 60 anos de idade, J. Jürgens morreu de infarto do miocárdio, deixando uma herança de brilhantismo no mundo dos negócios.

A PRODUÇÃO

Até 1930, o Brasil não tinha nenhum domínio no campo científico e tecnológico. Somente

⁴ Em entrevista sobre a fábrica, datada de 30 de novembro de 2007.

⁵ Nos documentos revistos, as datas de mudança de denominação não são conclusivas.



Funcionário com o diretor Paul Stephan (à direita), na seção de sabão em barras

com a abertura de universidades e a criação de cursos na área de química é que se dá o avanço nessa área. A necessidade de especialistas no Brasil concorreu para a contratação de inúmeros cientistas estrangeiros, especialmente para a organização e ensino de cursos universitários, impulsionando o campo científico no país. A falta de especialistas também tornou comum a contratação de técnicos estrangeiros para trabalhar nas fábricas brasileiras.

Na Cia. de Anilinas, não foi diferente. A fábrica de Cubatão era a unidade produtora da empresa, tinha seu corpo técnico basicamente formado por um grupo de alemães. Nos anos 20, havia notícia de dez técnicos, com qualificação comprovada, que trabalhavam e residiam na

fábrica de Cubatão, sendo responsáveis por todo o processo produtivo (Peralta, 1979, p. 85). Uma figura de destaque foi Erik Schirm, químico de formação excepcional⁶ contratado na Alemanha para lecionar, inicialmente, a disciplina de Química Inorgânica, e, depois de Química Industrial, em um curso anexo à Escola de Engenharia de Porto Alegre. Iniciou as aulas em 1921 e chegou a ser diretor do curso. Na Escola de Engenharia de Porto Alegre, trabalhou com Otto Rothe, que organizou o curso de química naquela instituição.

Em 1924, Schirm foi contratado por John Jürgens para trabalhar na fábrica de produtos químicos de Cubatão, com o objetivo de introduzir novos processos, como por exemplo a solidificação do extrato das folhas de mangue, que tinha patente brasileira e que facilitou muito a venda deste produto como corante com a marca registrada Tanamina.⁷

Não se sabe quantos anos Schirm trabalhou em Cubatão, somente que ele voltou para a Alemanha em 1930, retornando ao Brasil em 1949, ano em que reiniciou seu trabalho na fábrica (Rheinboldt, 1955, p. 70).

Uma das funções desses técnicos era a elaboração das fórmulas para realização de produtos como sabões, tintas etc. Tudo era realizado em laboratórios específicos. Para as tintas, havia a pesagem dos corantes com os quais eram realizadas as misturas até ser obtida a cor desejada.

A fábrica de Cubatão operava em função da produção de materiais químicos clássicos, intermediários e anilinas. A anilina, que deu nome à empresa, é um corante sintético, que servia de base para a fabricação de outras tintas. Sua constituição foi observada pela primeira vez em 1826, mas sua aplicação com sucesso só ocorreu em 1856, após avanços produzidos pelo químico inglês William Henry Perkin, sendo aprimorada nos anos seguintes. A denominação anilina foi determinada pela sua composição derivada do anil, conforme era conhecido o índigo

⁶ Erik Schirm era formado em química pela Universidade de Berlim (1910), assistente no Instituto de Química Inorgânica da mesma universidade, no Laboratório de Eletroquímica e no Instituto de Siderurgia da Escola Técnica Superior de Charlottenburg, depois (1913–20) químico de pesquisa e de fabricação inorgânica e orgânica dos Farb Werk vorm Meinsten Lucius & Brüning, em Hoechst, antes de vir para o Brasil (Rheinboldt, 1955, p. 69).

⁷ Schirm teve cerca de 70 invenções patenteadas (Rheinboldt, 1955, p. 70).

na língua portuguesa.⁸ Nessa época, a quase totalidade dos corantes era de origem química. Por exemplo, a partir da combinação do ácido nítrico com a benzina se obtinha a anilina, a fucsina, a alizarina, a indigotina e, a partir destes produtos, tirava-se uma variedade de corantes – nas cores vermelho, azul, marrom etc. Assim, na fábrica de Cubatão se fazia a mistura de produtos, a partir da anilina, para a produção de tintas.

Em 1928, havia uma produção diversificada, constituída de anilinas, ácido carbônico, carbonatos, fosfatos, silicatos e o bicarbonato de amônia, um fermento conhecido por “Vigor ABC”. Esse produto tinha uso culinário e era uma exclusividade da Cia. Anilinas. Também produzia óleos sulfonados para amaciamento de couro.

Ao findar a década de 1920, a fábrica era a maior produtora de anilinas, fosfato, sabão, carbonatos e silicatos em território paulista. Já a produção de tanino foi encerrada, uma vez que a exploração intensa dos manguezais tornou a matéria-prima escassa.

A Cia. de Anilinas utilizava insumos nacionais e estrangeiros – norte-americano e alemão – na fabricação de anilinas. Entre os produtos nacionais destacavam-se álcool, ácidos, argilas, bauxita, gesso, resíduos de cal, sal grosso, glicerina e óleos vegetais. Importava enxofre em pedra, petrolatum, pó de zinco, parafina, barrilha e ácidos (Peralta, 1979, p. 83).

Durante a Segunda Guerra, ocorreu o bloqueio comercial do Brasil com a Alemanha, afetando a importação de produtos químicos. Naquele momento, o Brasil ainda era dependente dos suprimentos estrangeiros, especialmente dos corantes orgânicos e dos produtos intermediários necessários para a fabricação das anilinas (Jobim, 1942, p.231-7).

Com o bloqueio, aumentou o preço desses produtos nos Estados Unidos. Dessa forma, no início dos anos 40, em decorrência da guerra, a Cia. de Anilinas teve sua produção limitada a menos de 70 toneladas por ano, embora tivesse capacidade para produzir 600 toneladas de anilinas (Jobim, 1942, p. 199).

Após o término da Segunda Guerra, a fábrica manteve a fabricação da linha de produtos

⁸ A planta do índigo, *indigóferas*, permite a extração de um suco azul que é tido como o primeiro material corante utilizado pelo homem (cf. Carrara, Meirelles, 1996, p. 41).



*Funcionários na seção
de filmes de leite, usado
para pintar o couro*

para tratamento de couros e de tecidos e o fermento de uso culinário, entre outros.

Até o início dos anos 60, a fábrica de Cubatão, cujos clientes eram as indústrias têxteis e os curtumes, continuava a ter como base uma cartela variada de tintas e corantes para tecidos e couros. Entre os produtos constavam amarelo-cromo, preto enxofre, filme de leite, próprio para couro, anilinas para lã, algodão e couro, óleo sulforicinado, alúmen de potássio, hipossulfito de sódio, borax-xiliol C. S. N., formol, dissolvente, ácido fórmico e explosivos, bicarbonato de sódio, solução de amônia, além de diversas qualidades de sabão.

Os sabões produzidos na fábrica também eram destinados à indústria têxtil, servindo para o amaciamento dos tecidos. O produto para a tintura de couro – o filme de leite –, usado para pintar sapatos, era produzido nas cores vermelho, azul, amarelo, preto e branco.

Os produtos químicos usados na fabricação dos corantes ficavam armazenados em contêineres localizados atrás da fábrica e, para a mistura de material, havia uma unidade com fornos específicos. Inicialmente, as anilinas ficavam em frascos de vidro com rolha de cortiça.

No laboratório de anilinas se faziam as amostragens, as misturas e o controle de qualidade. Após a verificação dos laboratoristas e dos técnicos, os produtos passavam por um controle de qualidade e, após esse processo, recebiam um selo – que era o carimbo com a figura da fábrica. Por último, eram acondicionados e etiquetados.

As embalagens dos produtos eram feitas na oficina da fábrica, que também atendia a outras necessidades. As tintas eram embaladas em barricas de madeira e os corantes, em latas. Os sabões eram colocados em caixas, também de madeira, contendo um papel fino entre as camadas. Para o transporte da mercadoria, vários caminhões levavam os produtos para o porto de Santos ou para São Paulo.

A divulgação e a venda da produção eram realizadas por técnicos da empresa, que viajavam para as várias partes do Brasil apresentando os produtos da Cia. de Anilinas, e outros importados, às fábricas interessadas.

Por ocasião do leilão da fábrica em 1967, em decorrência da falência no ano anterior, foram postas à venda as seções de amarelo cromo, hipossulfito, “film luto”, “film leite”, azul prússia, “pacto ao enxofre”, preto ao enxofre, ar comprimido, cristalização, óleos e sabões, intermediários,

anilinas, carbonatos, sulfuração, sabões, instalação de água e de gás carbônico. Havia, ainda, três laboratórios, sendo um de curtume, uma seção de expedição e outra de caldeiras, casa de transformador, almoxarifado técnico, depósito da oficina mecânica, tanoaria, serraria e carpintaria, dois depósitos, escritórios e gerência.

ASPECTOS DA ARQUITETURA

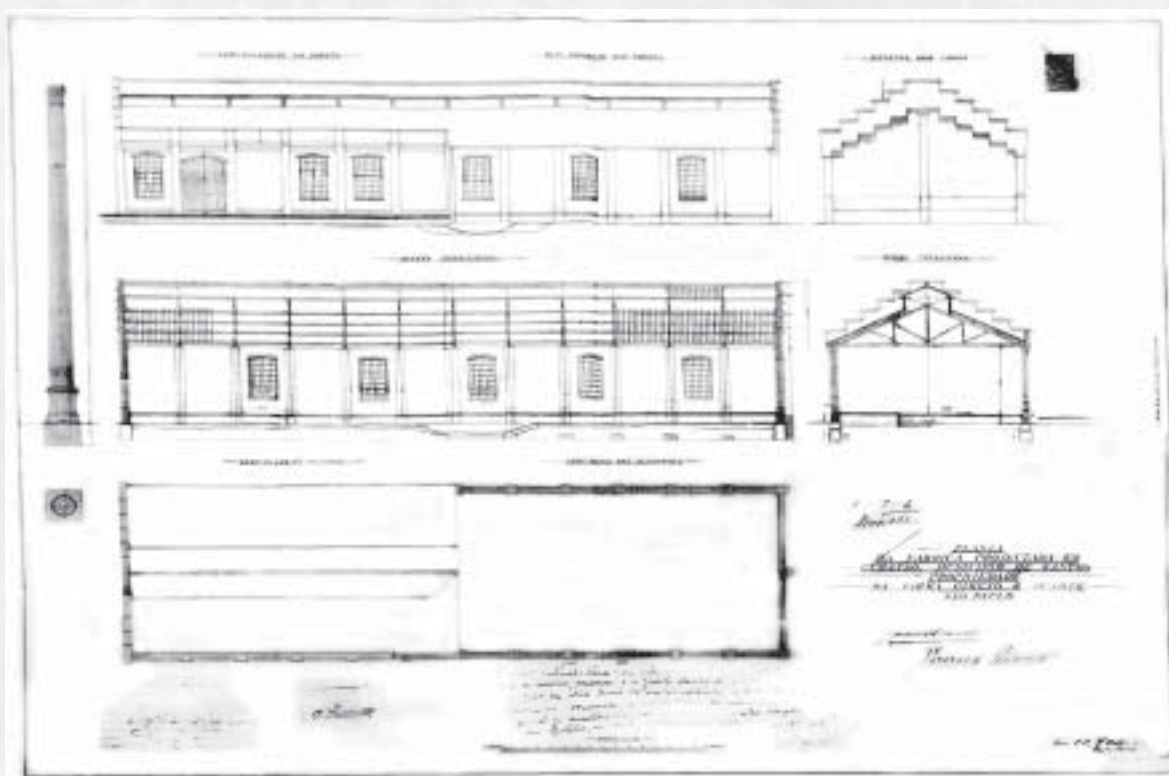
Em 14 de janeiro de 1916, a empresa de J. B. Duarte, denominada naquele momento de Gimeno & Duarte, apresentou à prefeitura de Santos um requerimento solicitando a licença para ser construída uma fábrica de “eglottina.”⁹ Com o pedido, foi apresentada a planta arquitetônica da fábrica.¹⁰

O local onde a fábrica foi construída era contornado pelo rio Capivari Pequeno, tendo um lado voltado para a estrada de ferro e outro para a atual avenida Nove de Abril. O lote de número 118, com 18.150m², pertencia a Miquelina Rodrigues e foi adquirido pela empresa paulista. A planta é assinada pelo engenheiro civil George C. O. Forbes, em 1º de janeiro de 1916.

Apesar do aspecto nitidamente fabril do conjunto arquitetônico, é difícil precisar o estilo dos prédios da Cia. de Anilinas. No Brasil, as instalações fabris a partir do início do século 20 estavam em fase de afirmação e tinham como inspiração as fábricas americanas e europeias, divulgadas nos catálogos de venda de maquinário que sugeriam modelos arquitetônicos específicos, notadamente no que se refere à indústria têxtil, tida como padrão para outras fábricas no país devido à expansão dessa atividade entre 1881 e 1920. Além desses catálogos, havia os manuais para instalação de fábricas, como o *Cours de Constructions Industrielles*, que oferecia os procedimentos a serem observados nesse tipo de construção (Costa, 2001, *apud* Moreira, 2007, p. 138-139). Em geral, entre o início do século 20 e a Primeira Guerra Mundial, as instalações industriais brasileiras exibiam uma arquitetura funcional, quase sem ornamentos, de ordem neoclássica ou eclética na fachada, como era o gosto para as demais construções. Também

⁹ Na realidade, estava se referindo à inglotina (cf. Elliott, 1926, p. 271).

¹⁰ Requerimento datado de 14 de janeiro de 1916, encontrado em 2007 no Arquivo Permanente de Santos.



Acima, projeto do primeiro prédio da fábrica, de J. B. Duarte; abaixo, aspecto da construção



tinham um caráter prático e o sistema de produção da fábrica refletia-se na aparência do prédio (Costa, 2001, p. 70-71 *apud* Vichnewski, 2004). Na Cia. de Anilinas, esses modelos construtivos parecem ter sua influência. O prédio simples demonstra caráter utilitário, e uma preocupação ornamental pode ser notada apenas na fachada em ziguezague e na chaminé que, apesar da função específica, também estava imbuída de um caráter estético (Vichnewski, 2004, p. 140).

Na planta, o visto da prefeitura de 1º de fevereiro de 1916 recomenda, entre outros detalhes, que

“ É preciso construir uma latrina para cada grupo de 30 pessoas tendo o piso de ladrilhos cerâmicos e as junções (...) até 2 metros. O piso da fábrica deverá ser impermeabilizado; a cobertura deverá ser cerâmica; os resíduos deverão ser incinerados (os sólidos) ou encaminhados para local apropriado, e os líquidos lançados bem afastados, no canal, devidamente tratados.”

Após ser adquirida por John Jürgens, a fábrica passou por diversas ampliações e chegou a ter cerca de 10.000m² de área construída. A planta inicial correspondia somente a uma das edificações; depois foram construídas outras cinco, formando um conjunto central que seguia um mesmo padrão arquitetônico. Três dessas edificações replicavam a fachada em ziguezague da primeira construção.

A partir da foto aérea dos anos 40 é possível observar as várias construções que compunham o universo da fábrica, dando uma dimensão do parque industrial. As construções principais eram prédios amplos que abrigavam as várias seções da fábrica, como a de laboratório, de mistura de anilinas, de óleos, de sabões, além dos almoxarifados. Junto a essas instalações, estavam as chaminés e a caixa d'água. Nas proximidades dos prédios principais ficavam escritório, gerência, oficina, serraria, carpintaria, ferraria, garagem, cozinha, refeitório, casas dos funcionários e casa de hóspedes. A portaria estava voltada para a estrada de ferro, próxima à atual avenida Nove de Abril, e caracterizava-se por uma pequena construção que também servia de residência para o porteiro.

A VILA OPERÁRIA

“Os técnicos moravam naquelas casas, que ainda [hoje] existem [algumas]. Nunca mais entrei lá porque o coração não deixa. Demoliram tudo, e eu achava que era a colônia que deveria ter ficado, porque era um marco, ali era muito gostoso, era onde as famílias se reuniam.”

Ondina da Silva e Silva, ex-funcionária.

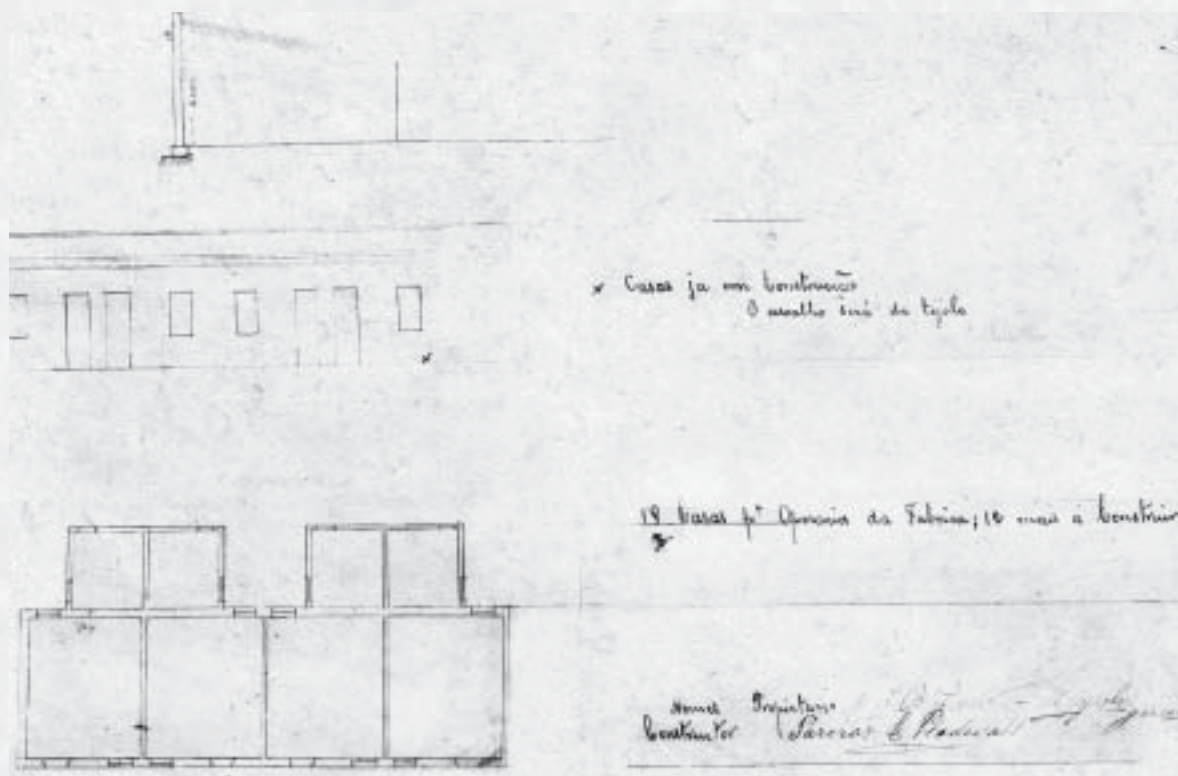
A fábrica possuía uma pequena vila destinada aos seus funcionários, que se resumia a um conjunto de casas geminadas, formando uma pequena rua de frente para as edificações principais.

A construção das chamadas “vilas de funcionários” ou “vilas operárias” foi iniciada na Europa a partir da Revolução Industrial, e geralmente situavam-se nos arredores das empresas. No Brasil, desenvolveram-se a partir da chegada das estradas de ferro e da instalação das primeiras indústrias em localidades rurais junto às fontes de energia e de matéria-prima, tornando-se uma prática comum dos industriais brasileiros até os anos 40 do século passado.

Uma das várias motivações para esse tipo de habitação era o maior controle sobre a vida do operário. Ao morar na “casa da fábrica”, ele tinha de se sujeitar às normas impostas, desde horários de silêncio até horário para entrar e sair. Esse controle visava manter o bom desempenho e produtividade no trabalho (Decca, 1991, p. 15). Não importava a quantidade de casas em uma vila, o objetivo era manter o asseio e a disciplina em um ambiente harmonioso, que possibilitava ao patrão ter funcionários mais regrados e produtivos.

Antes do estabelecimento da empresa de J. B. Duarte, há referências sobre a existência de vilas operárias nos curtumes existentes em Cubatão, como o Costa Moniz. Vilas operárias também foram construídas na fábrica de papel conhecida como Fabril e na Usina Henry Borden, a Light (Peralta, 1979, p. 79).

Na época em que a fábrica de J. B. Duarte foi instalada, Cubatão era uma localidade agrícola, e as poucas casas se concentravam ao longo da atual avenida Nove de Abril e na região de Itutinga-Pilões, onde havia inúmeros sítios de banana. A fábrica ficava em uma vasta área verde,



Acima, planta preliminar das casas dos operários; ao lado, fachada parcial da vila (à esquerda) e quintal da casa dos Roebbelen

próxima da estação de trem, do rio e dos manguezais, e corresponde, hoje, ao centro de Cubatão, que na época ainda era um bairro de Santos.

Em requerimento datado de 21 de setembro de 1916, José Batista Duarte solicitava autorização da prefeitura de Santos para construir 30 casas para os empregados da fábrica recém-instalada. A planta das referidas casas gerou polêmica no Departamento de Obras e Viação de Santos, uma vez que o órgão alegava que o projeto apresentado resultaria em construções anti-higiênicas e muito pequenas, embora estivessem previstas para um local pleno de espaço.

Por fim, em outubro do mesmo ano, a construção foi autorizada sob alegação de que, por se tratar de “bairro pobre e pouco habitado”, seria um melhoramento para o local. Apesar disso, o Departamento de Obras e Viação fez várias observações para melhorias do projeto. Porém, não foram construídas as 30 unidades, como se vê na observação da planta. De fato, parece que naquele período foram concluídas apenas 12 casas, chegando-se, mais tarde, ao número total de 20, das quais 19 para habitação e uma que servia de ambulatório para atender pequenas emergências.

Nem todos os funcionários moravam na vila operária, conhecida por todos como “colônia”, pelo fato de não haver casas para todos, e porque a fábrica se localizava na região central de Cubatão, mais urbanizada. Assim, o que se chamava de vila operária era um conjunto de 20 casas geminadas, compostas cada uma por quarto, sala – com assoalho de madeira –, cozinha e banheiro. Nos fundos se estendia um quintal descoberto, onde ficava o tanque, com espaço para os moradores cultivarem hortas e manterem pequenas criações. Fora desse conjunto, havia uma casa principal reservada aos técnicos, composta de um salão central, quatro quartos e dois banheiros, sendo dois quartos e um banheiro de cada lado. Também havia casas destinadas aos gerentes e chefes de seção e ao gerente-geral.

Para morar não era necessário o pagamento de aluguel, de água e luz, ou qualquer tipo de manutenção. A ex-funcionária Ondina Silva e Silva, que foi uma das últimas moradoras a deixar a vila operária, lembra que era cobrada apenas uma pequena taxa pelas casas, “para ninguém se sentir dono”. No entanto, não se sabe se essa cobrança foi comum desde o início do funcionamento da fábrica ou apenas nos anos finais.

A VIDA DENTRO DA FÁBRICA

Embora houvesse um processo de seleção e normas definidas no *Regulamento Interno do Pessoal*¹¹ para admissão na empresa, o ingresso na fábrica de Cubatão normalmente se dava por meio da indicação de algum outro empregado; assim, no geral, todos os funcionários eram da cidade e muitos eram filhos de pessoas que já eram empregados. A exceção eram os técnicos alemães, que chegaram a partir de 1922. Ocupando os cargos de chefia e a gerência da fábrica, esses estrangeiros moravam em casas separadas do conjunto destinado aos funcionários locais e parece que tinham uma vida segmentada no local. Em alguns momentos a influência da política no período entre guerras e as diferenças culturais afetaram a relação harmônica entre os funcionários locais e esse grupo, com registro de conflitos e reclamações sobre o tratamento que um ou outro deferia aos brasileiros.¹²

Em uma cidade onde se vivia basicamente da agricultura, o trabalho na Cia. de Anilinas era considerado um excelente emprego, especialmente até os anos 40, mesmo com um salário descrito como baixo. Tanto os funcionários, quanto os seus filhos, achavam a vida na fábrica bastante agradável. Muitos viveram a maior parte de suas vidas nos limites da “Química” e, além da relação de trabalho, tinham um vínculo afetivo com seu local de moradia.

TRABALHO E LAZER

No período da gestão de John Jürgens (1924-1943), a disciplina e o asseio eram muito valorizados. Havia um empenho pessoal desse industrial em tornar a fábrica e seus arredores um lugar agradável para se viver. Ele tinha por hábito encomendar mudas de árvores de outras partes do Brasil para plantar no terreno da fábrica, como seringueiras e pau-brasil, além de árvores frutíferas. Havia um jardineiro somente para a manutenção do gramado e dos jardins que ornamentavam os prédios.

¹¹ Regulamento Interno do Pessoal – instruções a serem observadas por todos os empregados. Rio de Janeiro, 1953. As responsabilidades, penalidades e, também os direitos estavam escritos nesse regulamento. No geral, as disposições dizia respeito aos deveres do empregado em relação ao desempenho de suas funções.

¹² Assim foi a Anilinas de vida muito agitada. Jornal Cidade de Santos, 2 de junho de 1967, p. 3.



Embora em minoria, mulheres sempre trabalharam na fábrica, especialmente na área administrativa



Acervo Ondina Silva e Silva



Acervo Ondina Silva e Silva

A partir da esquerda, dona Miquelina, que vendeu o terreno para a construção da fábrica, família da ex-funcionária Ondina na “colônia” no Natal e funcionários da empresa no início dos anos 60





Funcionários se exercitando (ao lado), time de “Química” (acima) e vacaria mantida pela Cia. de Anilinas. Da esquerda para a direita, Guiomar, Olinda, Judith Rosa e Taraban (ou Tarrabal), que cuidava do local e distribuía o leite



A área da fábrica foi consideravelmente ampliada com o passar dos anos. Seus limites iam da atual avenida Nove de Abril até a margem direita do rio Cubatão, de um lado, e da rua Bernardino Pinho Gomes até a rua São Paulo, do outro. Na área da fábrica havia vários benefícios, como pomar e até uma vacaria, para prover de leite as famílias dos funcionários.

O lazer também estava presente. Um caminho ladeado de árvores ia da fábrica até o rio Cubatão, local de diversão dos funcionários. Em 1951, foi construído o Grêmio Recreativo e Esportivo Química,¹³ que ficava na rua Santos, 42, para lazer dos trabalhadores da fábrica e suas famílias. Por meio dos jogos do time de futebol da “Química” e de algumas festividades específicas, havia a integração com funcionários da fábrica de papel e da Usina Henry Borden, que também tinham suas vilas operárias, bem como com a população cubatense.

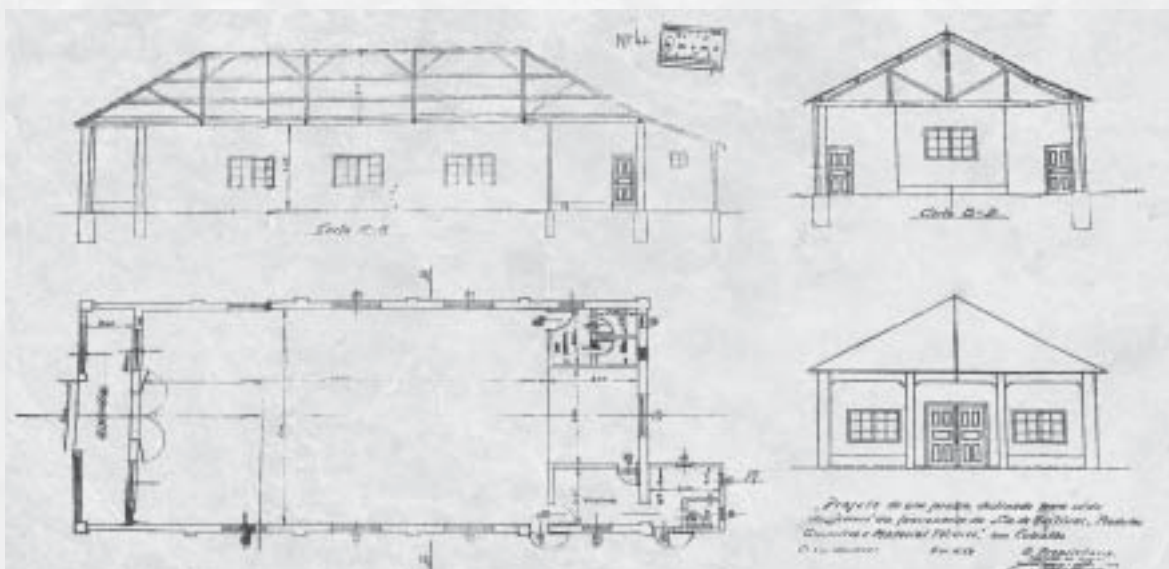
O expediente na fábrica era das 6h30 às 16h30, com uma hora de almoço entre 11h e 12h. Esse horário foi alterado com o tempo e dependia da função do operário. Um apito que saía da chaminé da caldeira avisava o horário de início e término do expediente. Em 1956, a chaminé caiu, dando fim ao apito que regulava a vida da fábrica e dos cubatenses. Quando havia necessidade de aumentar a produção, havia trabalho noturno com dois ou três turnos.

(...) o sr. Jonh Jürgens era um alemão que valorizava seus empregados. Todos os anos era dado a estes a participação de lucros, as famílias recebiam muita atenção. Do sítio, além das frutas havia um curral com vacas leiteiras, cuidadas pelo sr. Taraban, que no período da manhã e tarde distribuía o leite por um preço bem baratinho. (...) Era muito bonito morar dentro das propriedades da fábrica. Era como morar em uma pequena cidade, onde existia as leis do país, mas também existiam as leis internas. Dentro da área da fábrica, onde vivemos parte de nossas vidas, cresceram os filhos, casaram-se alguns, e todos aprenderam a respeitar a natureza, as propriedades e as pessoas. Fomos felizes, uma felicidade que temos guardado no melhor cantinho do coração.”
Guiomar Roebbelen, ex-moradora da vila operária.

¹³ O Clube da Química é atualmente a Associação Atlética Guimarães.



Time da “Química”; abaixo, planta do grêmio dos funcionários, no local da atual Associação Atlética Guimarães





Avenida Bandeirantes

10

3

7

11

6

4



POR DENTRO DA FÁBRICA

- 1- Casas dos funcionários. Na de número 20 funcionava o ambulatório médico
- 2- Laboratórios e almoxarifado
- 3- Caixa d'água
- 4- Rio Capivari
- 5- Estrada de ferro
- 6- Entrada da fábrica
- 7- Refeitório
- 8- Carpintaria e tornearia
- 9- Barracão para matérias-primas e produtos infamáveis
- 10- Residências do gerente, de funcionários graduados e de visitas
- 11- Escritórios



A PERSEGUIÇÃO AOS ALEMÃES DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A partir de 1938, a imagem do cidadão alemão no Brasil, em alguns momentos vista como modelo de progresso e cultura, se transformou em perigo político. Até aquela data, os imigrantes alemães não viam entraves quanto à preservação de sua cultura e à prática de atividades políticas (Carneiro, 1977, p. 25). Em 1938, as relações entre o Brasil e a Alemanha ficaram estremecidas, chegando mesmo a afetar a vida dos alemães aqui residentes, principalmente daqueles que dependiam economicamente das empresas e do governo daquele país (Gertz, 1987 *apud* Perazzo, 1999, p. 39). A partir de então, a polícia passou a ter atitudes hostis contra os imigrantes alemães, como parte da política nacionalista sustentada pelo Estado Novo do governo de Getúlio Vargas (1937-1945).

O presidente Vargas, inclusive, deu início a uma campanha de “nacionalização” dos estrangeiros. Entre março e maio de 1938, decretou uma série de leis que visavam regulamentar, tanto as atividades comerciais de estrangeiros, quanto suas práticas políticas. Apesar do objetivo do governo ser o de tornar o estrangeiro um “nacional”, esses decretos reprimiram a própria existência de tais grupos no Brasil, por promoverem uma exclusão social e não uma inserção desses imigrantes na vida brasileira.

Cabia às Delegacias de Ordem Política e Social – DOPS – de cada estado instituir os salvo-condutos para estrangeiros que quisessem se locomover, verificar se existiam estações emissoras de rádio clandestinas entre os imigrantes de países do Eixo e fiscalizá-las severamente.

Esse posicionamento contra os alemães se agravou após 1942, quando o Brasil aderiu à guerra juntando-se aos Aliados – cujas principais forças eram o Império Britânico, a União Soviética e os Estados Unidos – rompendo com os países do Eixo – Japão e Itália – liderados pela Alemanha. O governo brasileiro viu-se, assim, obrigado a perseguir todos aqueles que pudessem ser identificados com o regime nazista. Naquela época, todas as pessoas de origem alemã passaram a ser consideradas suspeitas de serem “nazistas” e se tornaram os principais alvos da repressão política nacional (Perazzo, 1999, p. 22-23). Muitos alemães foram presos e processados por crimes contra a segurança nacional.

Segundo pesquisas, durante a Segunda Guerra Mundial a polícia política do governo Vargas nem sempre soube diferenciar os judeus alemães expulsos da Alemanha dos nazi-facistas súditos do Eixo. Dessa forma, era comum a prisão e deportação de alemães, poloneses, lituanos, russos, todos considerados elementos perigosos à sociedade.

Os alemães prisioneiros de guerra no Brasil, após 1942, foram mantidos em Casas de Detenção, presídios ou nos campos de internamento para “súditos do Eixo”. Muitos alemães foram presos e permaneceram internados nesses campos por serem apenas suspeitos e representarem um perigo em potencial, de acordo com a “lógica da suspeição”, ou seja, pela simples suspeita, sem nada que comprovasse algo contra sua conduta (Perazzo, 1999, p. 31-32).

Toda essa política repressiva do governo de Getúlio Vargas, especialmente em torno dos grupos germânicos, se baseava na ideia do “perigo alemão”, segundo a qual se acreditava que os países do continente sul-americano iriam ser anexados ao *Reich* por meio da invasão do exército, o que se daria inicialmente nas comunidades alemãs do Sul do Brasil, no caso de vitória dos países do Eixo (Perazzo, 1999, p. 49).

Essa ideia já havia surgido na vigência da Primeira Guerra Mundial e se acentuou durante a Segunda. As ambições expansionistas de Hitler, o forte sentimento nacionalista alemão associado à imagem das comunidades de imigrantes alemães que, segundo a visão dos brasileiros, permaneciam “fechadas” em sua própria língua e cultura, permitiu às pessoas acreditarem numa invasão alemã no Brasil.

Certamente a infiltração nazista no Brasil era real. No entanto, essa ideia do “perigo” era mais do imaginário. (Perazzo, 1999, p. 52) diz que a atuação do Partido Alemão no país, mesmo com ramificações em vários locais, não tinha a organização e suporte necessários para esse tipo de ação. Assim, independentemente da veracidade do perigo, ele constituía elemento presente no imaginário social e político brasileiro, acirrado pela forte propaganda antigermânica.

Em Cubatão, o fato de o proprietário da Cia. de Anilinas ser de origem alemã, bem como o corpo técnico que ali trabalhava, teve consequências diretas. Um ex-funcionário da fábrica noticiou em entrevista ao jornal *Cidade de Santos* que, no ano de 1935, “o bom andamento dos serviços foi interrompido pela irresponsabilidade de um funcionário chamado Herman Kre”, que

havia escrito artigos difamatórios sobre o Brasil e mandado publicar na Alemanha¹⁴ causando revolta dos trabalhadores brasileiros. Esse funcionário foi demitido pelo sr. Jürgens e expulso do país pelo governo de Vargas.

Embora John Jürgens tenha se naturalizado brasileiro, bem como muitos de seus funcionários, sua empresa não ficou de fora desses acontecimentos. Em 1942, segundo informado por Gerd Jürgens, o escritório da empresa no Rio de Janeiro foi alvo de depredações e perseguição aos funcionários, a ponto de um grupo de homens estar disposto a invadir as instalações não fosse a intervenção de pessoas infiltradas no grupo para lhes tirar a atenção. Por essa época, John Jürgens se retirou para viver em sua fazenda no município de Miguel Pereira, localizado na região serrana do centro-sul do estado do Rio de Janeiro, vindo a falecer no ano seguinte.

A historiadora Inez Garbuio Peralta afirma que, em 1942, todos os alemães que trabalhavam na fábrica de Cubatão foram levados prisioneiros para São Paulo, sendo designado um interventor para dirigir a firma até o fim da guerra, quando a direção foi devolvida ao herdeiro (Peralta, 1979, p. 85-86). No entanto, esse episódio, baseado em grande parte nos relatos orais de ex-funcionários, ainda carece de documentos que esclareçam se de fato houve a prisão daquelas pessoas e qual a duração do confinamento. Nos arquivos do Deops, no Arquivo Público de São Paulo, em uma rápida pesquisa, por exemplo, não consta o nome da Cia. de Anilinas entre as empresas investigadas pela polícia política. A presença de um interventor na fábrica também merece ser investigada, pois embora essa fosse uma prática recorrente em várias empresas com proprietários alemães ou relacionados a eles pela polícia política durante os anos de guerra, ainda não foi devidamente comprovada na fábrica de anilinas de Cubatão. É certo que a origem alemã do proprietário da empresa, o fato de a Alemanha ser uma das grandes exportadores de produtos químicos para o Brasil na época, além do agravamento da situação econômica no país e no mundo, inerente ao período de guerras, certamente são questões que devem ser consideradas como consequência direta dos acontecimentos que, nos anos seguintes, afetaram a Cia. de Anilinas, em Cubatão.

¹⁴ ASSIM foi a Anilinas de vida muito agitada. Cidade de Santos [jornal], 22 de julho de 1967, p 3.



FALÊNCIA DA CIA. DE ANILINAS

Com a morte de John Jürgens, em 1943, a empresa foi dividida entre seus dois filhos, Victor Bourhis Jürgens, advogado, e seu meio-irmão, Gerd Gustav Jonh Jürgens, o filho caçula, detentor da maior parte da herança, que incluía 75% dos negócios do pai, inclusive a Cia. de Anilinas, de Cubatão. Inicialmente, dada a pouca idade de Gerd Jürgens, que na época tinha somente 10 anos de idade, foi designado um tutor para gerir sua herança. Alguns membros da diretoria da empresa assumiram os negócios junto com Victor Jürgens – nessa época com cerca de 30 anos –, que ficou na direção da fábrica de Cubatão (Coutinho, 1961, p. 628).

Mesmo passando por um período conturbado em termos administrativos, em 1949 a fábrica tinha 102 operários, com um capital aplicado de cerca de Cr\$ 5.301.000 (IBGE. Censo Industrial, 1958, p. 89). Em 1955, Gerd Jürgens assumiu a direção dos negócios da Companhia e iniciou uma reformulação administrativa com a demissão de inúmeros funcionários. O novo Jürgens também substituiu o antigo diretor da fábrica de Cubatão, Paul Stephan, que há muito trabalhava na companhia, por Geraldo de Rezende Martins – futuramente seu sogro –, engenheiro e advogado, que dirigiu os negócios por algum tempo, para implementar as relações com os bancos em Santos e obter financiamentos. Mais tarde, Geraldo Martins foi substituído por outro homem da confiança de Jürgens, Ernesto Walti, que ficou até a paralisação da fábrica, em 1964.¹⁵

Ao assumir os negócios, o jovem Gerd Jürgens conheceu a fábrica de Cubatão e “se encantou”. Embora os negócios da empresa abarcassem atividades diversas, a fábrica de Cubatão era uma preocupação para o industrial, que tinha “obsessão”, no dizer do próprio Gerd, pela manutenção daquele patrimônio.

No entanto, quando Gerd Jürgens assumiu a fábrica, Cubatão era uma outra cidade, muito diferente daquela existente até os anos 40. Estava em pleno torpor com a instalação da refinaria e iniciando um processo irreversível de transformação econômica e social, cuja inevitável expansão não admitia uma fábrica do porte da Cia. de Anilinas em seu meio urbano.

¹⁵ Informação do próprio Gerd Jürgens, em entrevista datada de 30 de novembro de 2007.

Da totalidade da área da fábrica, muitos terrenos foram cedidos continuamente à prefeitura para a abertura de novas ruas e glebas que preparavam Cubatão para outra era, a industrial. Os anos de ouro da fábrica de anilinas já haviam passado. Mesmo tendo envidado todos os esforços e recursos para manter os seus negócios, por meio de mudanças administrativas, demissão de funcionários e novos investimentos, tais iniciativas foram em vão diante das urgências que o novo panorama político e econômico do Brasil exigia dos seus empreendedores.

Problemas econômicos e administrativos sequenciais minaram os negócios da empresa, resultando na suspensão do pagamento dos salários do pessoal da fábrica, em 1963. Em 22 de fevereiro de 1964, os funcionários decidiram paralisar a produção.¹⁶ Nesse mesmo ano, chegaram a encaminhar um memorando ao então presidente da República, Humberto de Alencar Castelo Branco, solicitando ajuda para receber os vencimentos em atraso (Cidade de Santos, 1973, p. 12). Ao mesmo tempo, entravam com ação reclusatória na Justiça do Trabalho de Santos.

Nem todos os funcionários deixaram de trabalhar. Havia um pequeno grupo que era simpático aos apelos do patrão e que via a necessidade de manter a produção para a sobrevivência da fábrica e de seus negócios. Porém, o posicionamento dos funcionários paralisados teve uma forte influência do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas¹⁷, que foi determinante para a manutenção do estado de greve naquele momento, e criou uma relação delicada entre patrão e empregados. A presença de um órgão sindical também estabeleceu um problema político devido ao golpe militar instaurado no mês seguinte ao da paralisação. Alguns ex-funcionários recordam de uma ocupação militar armada, que permaneceu dentro da fábrica por vários dias, provavelmente como intimidação e demonstração de força. Eles lembram que o então líder do sindicato, Cláudio Ribeiro, foi posteriormente perseguido, e os funcionários da Cia. de Anilinas, possivelmente vistos como subversivos, apesar de muitos não terem essa noção naquele momento em que se instaurava um novo regime.

¹⁶ Existe uma controvérsia nas notícias de jornal em relação ao período de tempo que os funcionários ficaram sem receber salário até a decretação da greve em 1964, variando as informações entre seis meses e dois anos.

¹⁷ Esse sindicato foi o primeiro órgão de classe fundado em Cubatão, reconhecido pelo Ministério do Trabalho em 31/09/1957 (*SINDICATO dos trabalhadores químicos*. Imprensa de Cubatão, 4/12/1960, p. 4).

Entre os funcionários, havia o grupo contrário à greve e a favor do apelo do proprietário para unir forças e continuar a produção, e, conseqüentemente, a manutenção da fábrica. Esse grupo foi vencido, e a fábrica foi parando aos poucos, sem nunca mais voltar a funcionar.

“Em 64 não houve greve. No final, estávamos há muito tempo sem pagamento. Tentamos levar, mas como não conseguimos de jeito nenhum, aquela turma mais decidida resolveu decretar a falência da fábrica. Foram dez que entraram, no final, com o advogado para decretar a falência. Os funcionários que eram da administração não participaram, se sentiam meio ‘esquisitos’ sendo da administração e com o dono pedindo a nossa ajuda. Ele (o dono) perguntou para o meu pai se ele tinha condições de tocar o Vigor ABC. Meu pai disse que ia fazer o possível e o impossível e ficou acordado cinco dias e cinco noites. Não era brincadeira, porque ninguém ajudava em nada, e essa seção tinha um cheiro de amoníaco que matava. O amoníaco se você inalar rápido não aguenta, é capaz de desmaiar pois o cheiro era muito forte. Eu mesma que era criada ali, punha um pano no nariz quando ia falar com meu pai.”

Ondina da Silva e Silva referindo-se ao pai que, entre outros funcionários, apoiava a manutenção da produção.

Mesmo com um bom número de empregados cientes das necessidades de Jürgens, era grande o conflito entre permanecer trabalhando e a pressão exercida por aqueles que achavam que os funcionários iriam sofrer um golpe. Sem salário, várias famílias ficaram em situação precária. Alguns logo conseguiram uma colocação em outro lugar e outros tantos tiveram que apelar para a ajuda de familiares a fim de garantir o sustento.

Em 1965, um caminhão foi a leilão para pagamento de parte dos vencimentos em atraso, sendo o fato considerado como uma vitória pelos funcionários e, no dia 18 de julho de 1967, a fábrica foi integralmente leiloadada.

Estando prestes a ser realizado o leilão do maquinário da fábrica, um ex-funcionário comentou que

“A Anilinas era famosa (...) todos queriam trabalhar ali. Agora (...) instalações danificadas e maquinário tomado pela ferrugem. Eis o que restou, num contraste chocante, para quem a conheceu há alguns anos, quando as máquinas ruidosas e os apitos das sirenas pareciam chamar o progresso.”

Fernando Levandovski, ex-funcionário, em entrevista ao jornal A Tribuna, em 18/07/1967, p. 18.

Um edital judicial estampava que a Cia. de Anilinas, Produtos Químicos e Material Técnico, situada na avenida Nove de Abril, nº 78, iria realizar o leilão na sede da empresa nos dias 18, 19 e 20 de julho de 1967. As instalações da indústria foram divididas em 107 lotes, e o patrimônio da empresa foi vendido em apenas duas horas e dez minutos. A firma Leopoldo e Filho, instalada em São Paulo, comprou 90% dos lotes.²⁰

Após o leilão, inúmeras famílias permaneceram morando nas casas, na esperança de receber as indenizações com a venda dos terrenos da fábrica. No entanto, as terras eram de propriedade pessoal dos irmãos Jürgens, e como a Companhia era uma sociedade anônima, não respondiam pessoalmente pelas dívidas da empresa. Os funcionários entraram na Justiça e a questão se arrastou por seis anos. Embora os funcionários tivessem a causa ganha em várias instâncias, o ex-proprietário da fábrica não teve meio de saldar as dívidas com seus antigos funcionários, uma vez que ele próprio vivia em meio às vicissitudes decorrentes da falência de todos os seus negócios. Dessa forma, o arrecadado pelo leilão da fábrica pouco resolveu. Em depoimento anos mais tarde, Gerd Jürgens explicou que “o maquinário, de propriedade da firma, foi vendido como ferro-velho e os valores apurados desapareceram nos meandros escusos da Justiça.”²¹

Em 1966 foi decretada a falência da Companhia no Rio de Janeiro. Em agosto de 1972 ocorreu a venda do terreno da fábrica para a prefeitura de Cubatão, pelo valor de Cr\$ 1.027.000,00 (um milhão e vinte e sete mil cruzeiros). Naquele momento, a área do terreno correspondia a

¹⁸ FALÊNCIA da Cia. de Anilinas Produtos Químicos e Material Técnico. Jornal A Tribuna do dia 18/07/1967, p. 18.

¹⁹ Entrevista datada de 30 de novembro de 2007.



Moinho de tintas

51.350m². A negociação foi concretizada por meio do Decreto nº 2.244, de 15 de setembro, e o então prefeito, Zadir Castelo Branco, concordou com o pagamento em 11 parcelas mensais, mediante o compromisso de o terreno ser entregue vazio.

Com a permanência das famílias, que estavam determinadas a receber suas indenizações, foi solicitada pelo advogado do ex-proprietário da fábrica a retirada dos funcionários por meio judicial, e a concessão de despejo ocorreu em 1973. O advogado do Sindicato dos Químicos representou as famílias para que a decisão fosse anulada. Essa questão se desenrolou por meses na Justiça. Porém, uma vez vendidos os terrenos e com a pressão da prefeitura para dar novo uso à área, além do fato de haver um pedido de despejo em execução, as 27 famílias deixaram as casas com o auxílio de um caminhão da prefeitura para realizar a mudança, representando um triste desfecho para aquelas pessoas após anos de trabalho.

Entre os ex-funcionários que ali permaneceram até o fim estava o senhor Levandovski, de 65 anos, que havia trabalhado na fábrica por 45 anos. Muitos deles, que já estavam prestes a se aposentar, enfrentaram tempos difíceis para conseguir uma nova colocação. Situação também vivenciada pelo último administrador da fábrica, Armando Cardoso de Souza, que teve como atribuição final salvar uns poucos documentos que ainda restavam nos arquivos descartados como lixo.

Inicialmente, o projeto da prefeitura para a área era a construção de um sistema de esgoto. Tal ideia foi abandonada e, depois de várias propostas de uso para o terreno, foi decidida a construção de uma área de lazer para os cubatenses.

No dia 7 de setembro de 1979, cerca de cinco mil pessoas assistiram ao evento de inauguração do Parque Anilinas, pelo então prefeito Carlos Frederico Soares Campos e outras autoridades locais. Entre eles, centenas de escolares que se aglomeravam nos brinquedos coloridos e nas quadras esportivas. No pavilhão central, a apresentação de shows divertia o público. O sol quente sobre as cabeças deixou a todos ansiosos para que as árvores recém-plantadas pudessem crescer rápido. Da paisagem exuberante em torno da Cia. de Anilinas, Produtos Químicos e Material Técnico nada restou. Somente algumas casas permaneceram como testemunhas dos tantos eventos que ali transcorreram.



DEPOIMENTO DE GERD GUSTAV JOHN JÜRGENS²⁰



*Gerd Jürgens atrás
de retrato de seu
pai, John Jürgens*

Eu tinha 10 anos quando meu pai morreu. Quem ficou cuidando da empresa foram os gerentes alemães, os técnicos que já estavam lá e meu irmão,²¹ de outro casamento. Ele era advogado e não era do ramo, então a firma ficou sem dono depois da morte do pai, pois faltava aquela chama principal, a pessoa que realmente comandava e trazia as novas idéias.

Eu fui morar com o senhor Otávio Lopes Sá Campos, amigo do meu pai do tempo em que ele mexia com os tabacos da Suerdieck. Foi um homem muito bondoso que me criou dos onze aos 19 anos.

A minha mãe se separou do meu pai quando eu tinha três anos e voltou para a Alemanha. Passei muitos anos sem vê-la. Só a reencontrei em 1956, quando eu já estava casado.

Esse senhor tinha uma fábrica de cigarros que era uma firma muito grande no Rio de Janeiro, e eu ia muito lá ver aquelas máquinas enormes funcionar. Ficava lá o dia inteiro, me

distraindo. E adorava aquilo, aos 12 anos.

Então, eu sempre cresci com essa ideia, de ver máquinas trabalhando, meu pai falando em máquinas. Nas reuniões na nossa

"A primeira vez que fui à Fábrica de Anilinas foi em 50. Encontrei a fábrica em marcha lenta, mas fiquei apaixonado por aquilo. Realmente achei uma coisa fantástica, que se podia desenvolver, associar a uma firma estrangeira, mas estava muito maltratada."

²⁰ Este texto é uma síntese da entrevista sobre a fábrica realizada em 2007. Aqui estão destacados os trechos que a pesquisadora selecionou como os mais relevantes para a presente publicação. O texto completo tem 20 páginas.

²¹ Victor Bourhis Jürgens nasceu em 1911 e era 20 anos mais velho que do que Gerd Jürgens. Eles nunca conviveram.

casa, eu me escondia atrás das cortinas e ficava acompanhando o que ele dizia a seus funcionários. Ouvia falar em máquinas, importação, na fábrica de Cubatão, alguns indo para os Estados Unidos, outros para a Europa, uma vibração constante e da qual eu fiquei, digamos, imbuído.

Quando eu completei a maioridade, resolvi assumir a empresa e coloquei gente de minha confiança. O pai já tinha morrido havia dez anos, então, uma organização sem dono há mais de dez anos pode-se imaginar que não se desenvolveu, e não teve ideias novas. A guerra havia terminado e houve um progresso enorme, como sempre acontece durante as guerras, mas a firma não se modernizou. Ficamos parados no tempo. Aqueles técnicos também estavam ultrapassados, a maioria veio para a fábrica de Cubatão, e para a empresa, na década de 20. Foi um dos problemas que encontrei quando assumi. Aquela gente tinha 30, 25 anos de casa.

“A guerra havia terminado e houve um progresso enorme, como sempre acontece durante as guerras, mas a firma não se modernizou. Ficamos parados no tempo.”

A sede da empresa era no Rio de Janeiro e controlava dez filiais, espalhadas no Brasil. As mercadorias eram importadas – produtos químicos, farmacêuticos, anilinas e máquinas. Essas importações iam diretamente para as filiais, ou então eram distribuídas a partir do Rio de Janeiro.

O produto farmacêutico era importado da Europa e dos Estados Unidos. Ainda não havia no Brasil a moderna indústria farmacêutica. Os boticários do interior faziam suas receitas e iam às filiais da empresa, que mantinham um estoque enorme de produtos variados, prateleiras e prateleiras. Chegavam lá e compravam um quilo disso um quilo daquilo para fazer os remédios. Era um negócio interessante no qual se ganhava muito dinheiro, pois o que se comprava em grande quantidade, se vendia em pequenas porções.

No Rio de Janeiro ficava todo o faturamento, as cobranças, o cadastro, tudo passava por lá. Ninguém podia fazer nada sem que o Rio de Janeiro autorizasse, interviesse ou decidisse. O escritório da empresa ficava na Rua da Alfândega, no centro da cidade, em um prédio alugado de três andares, com elevador. Muito confortável. A firma tinha muito dinheiro em caixa, e podia se dizer que era comercial importadora, não se podia chamar de indústria. Por ter dinheiro em caixa, comprou um depósito com 600 metros quadrados no cais do porto. Era um andar de um

prédio de quatro andares, com guincho e elevador, onde estocávamos as mercadorias importadas. Para a manutenção das máquinas de terraplenagem, foi construída uma oficina muito grande no subúrbio do Rio, com equipamentos americanos, guindaste etc. Isso foi construído logo depois da guerra, em 44, 45.

As várias filiais em Porto Alegre, Belo Horizonte, Pelotas, também eram próprias. Nesses negócios foram mobilizados seguramente uns quatro milhões de cruzeiros, que era o capital de giro da firma. O dinheiro que era usado para comercializar foi usado para comprar imóveis. E quem não tem dinheiro não pode comprar, nem vender. Quando a guerra terminou e os negócios tomaram vulto, a firma não tinha capital para negociar, para importar, ficou sufocada. Então começou a pegar dinheiro emprestado em banco. Isso virou uma bola de neve e, quando eu cheguei lá...

A primeira vez que fui à fábrica de anilinas, foi em 50. Encontrei a fábrica em marcha lenta, mas fiquei apaixonado por aquilo. Realmente achei uma coisa fantástica, que se podia desenvolver, associar a uma firma estrangeira, mas estava muito maltratada.

Na minha infância eu me lembro do pai sempre indo para Cubatão e, às vezes, eu o acompanhava até o aeroporto. Não era bem aeroporto, era um porto marítimo, porque o avião que ia para Santos era um hidroavião que levava de cinco a sete pessoas, um avião pequeno. Eu me lembro do pai entrando, e aquele hidroavião correndo pela baía da Guanabara. Custava a levantar voo lá perto do Pão de Açúcar. Eu pensava, um dia quero ir conhecer essa fábrica.

Quando criança eu tinha muitos brinquedos, máquinas a vapor, e gostava dos brinquedos de montar. Então, quando vi a fábrica pela primeira vez foi paixão à primeira vista. Achei aquilo uma coisa extraordinária que era preciso aproveitar, a base estava ali. Eu ainda tinha muito dinheiro e a firma inúmeros bens. Fiquei com aquilo na cabeça... na fábrica... Aí, quando fui para lá a primeira vez, comecei a interferir.

No Rio, eu já fazia parte da direção da firma desde os 18 anos, no conselho de administração.

"Na minha infância eu me lembro do pai sempre indo para Cubatão e, às vezes, eu o acompanhava até o aeroporto. Não era bem aeroporto, era um porto marítimo, porque o avião que ia para Santos era um hidroavião."

Comecei a reclamar com a diretoria – que era eleita pelo meu tutor e pelo juiz de menores –, que a fábrica estava abandonada, que eles tinham de fazer alguma coisa, se mexer e, realmente, eu tanto reclamei que instalaram uma nova fornalha. E, assim o tempo foi passando, e eu frequentando aquilo lá, indo praticamente dia sim, dia não, conversando com o pessoal, acompanhando as coisas. No resto do tempo eu ia tratar da minha noiva. Eu já tinha a idéia de me casar porque estava sozinho. Quando fiz 18 anos, o meu tutor teve câncer no pulmão. Então, mesmo tendo nascido no Rio de Janeiro, em Copacabana, só tenho o curso secundário porque me casei com 19 anos, a época de o jovem entrar na faculdade. Como eu não tinha família, queria minha família, queria me casar. E foi uma boa solução sem dúvida, não me arrependo em absoluto.

A fábrica foi o que despertou meu maior interesse. Eu já estava sentido a dificuldade da importação. Depois da Segunda Guerra, em determinado momento, não havia mais divisas estrangeiras e não se podia importar. O dólar começou a subir de preço. Então, uma firma que

“Depois da Segunda Guerra, em determinado momento, não havia mais divisas estrangeiras e não se podia importar. O dólar começou a subir de preço. Então, uma firma que estava com pouco dinheiro era obrigada a recorrer continuamente aos bancos.”

estava com pouco dinheiro era obrigada a recorrer continuamente aos bancos. E isso implicava uma despesa muito grande e também a responsabilização da diretoria.

Quando eu cheguei na empresa, eu dispunha de mais ou menos 5 milhões de cruzeiros e mais o crédito da firma. Não era pouco. É preciso lembrar que um apartamento de sala e três quartos naquela época custava 100 mil cruzeiros. Era muito dinheiro. Eu entrei assim em desespero de causa, porque eu estava vendo a coisa afundar a olhos vistos. E, comecei a colocar dinheiro meu, mas com aquela inexperiência eu, evidentemente, não tinha o traquejo necessário para desenvolver o negócio como meu pai fazia com aquele sócio dele.

Na fábrica, eu fui muito bem recebido pelos empregados, fizeram muita festa e confiaram em mim. Disseram, agora vem sangue novo, ele vai desenvolver o negócio. Realmente eu cheguei lá com muito ímpeto e fizemos muita coisa, mas o trabalho aqui no Rio me absorvia e eu ficava dividido, não sabia bem o que fazer e como fazer e,

conforme as dificuldades foram se acentuando eu fui, automaticamente, dando mais atenção à fábrica. No final, realmente, mais de 50% da venda da companhia eram de produtos da fábrica de Cubatão, quando no princípio, no tempo do meu pai, eram somente uns 30%, no máximo.

A empresa foi indo, continuamos importando e vendendo máquinas. Foram feitas várias associações com firmas grandes como a Bayer, por exemplo. Mas a empresa era um poço sem fundo. Havia gente em excesso, tinha virado uma espécie de repartição pública, vários diretores levaram apaniguados para lá e eu tive que mandar essa gente embora, e... tive que indenizar. Assim, uma boa parte da minha fortuna pessoal foi consumida em indenizações e aposentadorias de funcionários antigos, para aliviar a folha de pagamento. Dos 500 empregados que eu encontrei quando cheguei, reduzi para uns 400. Quando a firma fechou em 66 ainda tinha uns 250. Era muita gente. Em Cubatão, também foi diminuindo aos poucos.

Depois, as minhas relações em Cubatão ficaram muito difíceis e azedas por causa do sindicato dos operários. Era um sindicato muito agressivo e exigente de coisas absurdas. E eu me lembro de reuniões que o sindicato me atacava e, em certa ocasião, botaram meu retrato no jornal dizendo que eu era um tirano, um homem sem entranhas, me massacrando num daqueles jornais de Santos.

Aconteceu uma outra coisa muito séria. Alguns funcionários começaram a errar nas fórmulas de propósito. Houve sabotagem e eu só descobri isso anos mais tarde. Fórmulas que estavam sendo usadas há trinta anos de repente, da noite para o dia, saíam erradas. Chegava tinta para pintar sapato ao cliente do interior de São Paulo ou do Rio Grande do Sul, mas não dava cobertura. O cliente devolvia, botava à disposição 20, 30, 50 barricas de material.

Eu me lembro de uma venda que fizemos para uma fábrica de tecidos em Porto Alegre, que representava quase a metade do faturamento de um mês, ao redor de 10 milhões de cruzeiros. Naquele tempo eles compravam grandes estoques porque a mercadoria fabricada em Cubatão era transportada via porto de Santos, e era preciso esperar o navio chegar, depois embarcar e,

“Só me dei conta de que pessoas que eu confiava na fábrica me sabotavam quando a companhia acabou. Eu tinha 33 anos, e ainda acreditava nas pessoas. Hoje eu não acredito mais.”

aguardar cerca de um mês para a mercadoria chegar ao destino. Uma semana depois da entrega o gerente me telefonou e disse que ia devolver a mercadoria. Eu fiquei abismado e fui até lá. Ele disse, basta olhar para o produto, não é igual ao resto que eu tenho. Compro de vocês há trinta anos, como agora você manda um material desses. Tivemos um prejuízo tremendo e eu continuei botando dinheiro meu para cobrir essas lacunas.

Só me dei conta de que pessoas que eu confiava na fábrica me sabotavam quando a companhia acabou. Eu tinha 33 anos, e ainda acreditava nas pessoas. Hoje eu não acredito mais. Fiquei de tal maneira chocado, mas só tinha essa explicação. A matéria-prima e o sistema de produção eram os mesmos e eu tinha comprado máquinas novas para melhorar a produção e, de repente, aquilo desanda. Estavam se prejudicando, porque, se a Cia. quebrasse iam perder a casa, a indenização. Foi uma idéia absurda.

A Baixada Santista, naquela época, justamente encabeçada pelo porto de Santos, era um núcleo esquerdista muito forte. Eu via a situação no porto, participava de embarques, ia a bordo. Volta e meia eu via um carro estatelado no chão, um Mercedes Benz, que o guindasteiro deixou cair, ou então caixotes com máquinas caras caídos no chão. Era uma forma que eles tinham de castigar a burguesia, imagino. E várias vezes o comando da aeronáutica interveio para restabelecer a ordem nas arruaças e depredações que houve lá, e às quais assisti algumas vezes. Tivemos mercadoria presa no porto muitas vezes. Ficaram lá 15, 20 dias, os navios chegavam e iam embora sem levar nossas mercadorias, porque os trabalhadores estavam em greve. Isso acontecia continuamente antes do João Goulart. Com ele na Presidência, então, se atingiu o ápice da coisa, o limite, o insuportável realmente.

Os empregados da fábrica de anilinas entraram em greve. Em determinado momento eu não consegui pagar mais os salários. O sindicato propôs a greve e eles aceitaram. Foi muito interessante porque, certo dia, eu estava na gerência e entraram dois indivíduos no escritório. Irromperam no escritório sem mais nem menos, mal trajados, de chinelo de dedo, camisa aberta, e um deles se apresentou como chefe do

“Minha mulher é quem tomava conta da família, resolvia tudo. Foram anos de trabalho realmente difícil porque era preciso manobrar e dar asas à imaginação para arranjar mais dinheiro.”

Sindicato dos Metalúrgicos de Cubatão, e tinha vindo tomar posse da fábrica. Era logo no princípio do governo João Goulart e disseram que estavam ali porque agora a fábrica ia ser do povo, vai ser dos empregados: "Nós viemos aqui para avisar ao senhor de que isso aqui agora vai ser nosso".

Umas semanas mais tarde houve uma reunião. Exigiram que eu desse 30 dias de férias. A lei mandava dar 20 e eu disse não, vamos ficar com a lei. Eles disseram que era preciso ajudar os empregados; muito contrariado, acabei concordando. Depois soube que eu era o único na região que dava férias de 30 dias. Nesse dia, a reunião foi muito desagradável.

"Em Santos tinha três ou quatro advogados capazes, que inclusive me recomendaram mandar todos os empregados embora. Eu disse: 'Doutor, eu não posso fazer isso, eu não posso jogar os meus empregados na rua'."

Eles fizeram tais provocações – e isso o pessoal de lá deve lembrar – chegou uma hora que eu fiquei fora de mim, aí, entornou o caldo. Evidentemente, todo mundo ficou aborrecido. Os operários se levantaram e foram embora. foi um momento muito difícil. Eu perdi a fleuma porque eram coisas de natureza tão absurda...

Depois eu pensei que não era para eu participar dessa reunião, era para ter mandado um advogado. Em Santos tinha três ou quatro advogados capazes, que inclusive me recomendaram mandar todos os empregados embora. Eu disse: "Doutor, eu não posso fazer isso, eu não posso jogar os meus empregados na rua". Foi o que aconteceu. Exatamente o que eu disse na época. Mas eu devia ter feito. Aqui no Rio foi a mesma coisa. Se eu tivesse feito, pode ser que a fábrica existisse até hoje.

Aqui no Rio havia 200 empregados, me bastavam somente uns 80, 90, tinha 100 sobrando. O advogado era um dos mais famosos advogados trabalhistas do Rio de Janeiro. Ele me recomendou mandar embora, dar o aviso prévio e discutir a indenização na justiça. Esse era o esquema que vigorava na época. Eu disse que não tinha coragem porque não era da minha índole, não era do meu feitio. Ele disse: "Bom, você que sabe".

Em Cubatão tinha uns 10% ou 15% que não entraram em greve, eram meus amigos. Os outros foram levados, eram pessoas modestas, operários modestos, e eu era incapaz de fazer mal a eles. Mandar todos embora seria uma medida insuportável para mim.

Em 1959, a firma pediu concordata. Aí deu uma folga, deu um alívio muito grande porque cessaram todos os pagamentos. O que a gente devia ficou suspenso. A não ser os bancos onde havia a minha assinatura pessoal. Eu fui aos poucos pagando daqui e dali, consegui levantar mais dinheiro, inclusive, apesar da firma estar em concordata, e tentei mais uma arrancada, praticamente me mudei para São Paulo. Minha mulher é quem tomava conta da família, resolvia tudo. Foram anos de trabalho realmente difícil, porque era preciso manobrar e dar asas à imaginação para arranjar mais dinheiro. Tomei dinheiro emprestado com agiotas, quer dizer, quando se chega a esse ponto é que realmente o industrial está desesperado.

E então, quando a firma fechou, eu herdei ainda uns milhões de compromissos, que eu tive que ir aos poucos consertando com os advogados. Manobrar tudo isso deu muito trabalho e ficamos reduzidos a zero.

Em Cubatão, disseram que eu tinha abandonado a fábrica e estava desviando dinheiro para montar uma outra indústria no estado do Rio de Janeiro. Não estávamos desviando dinheiro para outro negócio, absolutamente. O pessoal de lá ouviu alguma coisa, interpretou mal e começou a me perseguir por causa disso. Em 53, 54, realmente eu contratei um técnico em química com uma firma alemã e elaboramos um novo projeto para produzir bicarbonato de amônia, água oxigenada e acrilato de metila, um produto para a indústria de plásticos, que era a última palavra naquela época. Essa fábrica era para ser montada aqui no Rio de Janeiro. Eu várias vezes pensei em levar para Cubatão, mas, devido a esse desassossego que havia lá com o sindicato, optei pelo Rio.

Infelizmente isso foi no momento em que o Getúlio Vargas se matou e, aí, houve uma reviravolta no mundo dos negócios muito grande. O país parou e ninguém sabia o que ia acontecer. Os nossos sócios alemães mandaram dar um tempo e acabaram desistindo.

Disseram que, por causa dos outros negócios no Rio, eu não ia mais a Cubatão e, no último ano, foi muito difícil porque a fábrica ficou em greve por mais de um ano, e eu tentando ajeitar, levantar dinheiro. Isso em 66. Foi o fim de 66.

“Quando a firma fechou, eu herdei ainda uns milhões de compromissos, que eu tive que ir aos poucos consertando com os advogados. Manobrar tudo isso deu muito trabalho e ficamos reduzidos a zero.”

Tudo isso mostra uma grande ingenuidade da minha parte. Um homem moço e criado sem dificuldade, sempre tendo levado uma vida folgada, sem dificuldades, é verdade, todo mundo sabe disso, não é nenhum segredo. Então eu não tinha nenhuma prevenção contra ninguém, tinha o máximo de boa vontade com todo mundo. Mas éramos roubados, éramos roubados em Belém do Pará e em Salvador, e em Juiz de Fora, em Curitiba, em Porto Alegre. Eu cheguei em Porto Alegre um dia e acabei descobrindo que o gerente tinha uma firma dele dentro da nossa. O cliente ia lá comprar uma coisa e ele vendia do material dele. A mesma coisa em Curitiba.

Aquele senhor que me criou, depois que o meu pai morreu, era um industrial muito experiente, sempre me dizia: “Meu filho, aquela firma está perdida. Não se preocupe mais com aquilo. Você tem dinheiro para viver o resto da vida sem dificuldade, você não deve interferir”. Mas minha vontade de interferir foi aumentando porque comecei a ter notícias, através dos poucos homens que eram fiéis, do patrimônio sendo depauperado e achei um despautério.

Houve um momento, em 48, 49, que pensei em vender. Esse foi um momento interessante, sem dúvida, porque eu tinha 15 anos de idade e um dia o meu tutor chegou para mim e perguntou: “Você quer vender a firma?” E eu disse: “Mas como vem perguntar isso para mim? Com 15 anos de idade, o que eu vou responder?”. Mas, meu irmão se recusou a vender e eles não aceitavam que ele permanecesse. Essa foi a única oportunidade que houve de vender o negócio. Quando eu cheguei lá, não havia mais condição. Já estava de tal maneira sobrecarregado de dívidas, tinha aquele patrimônio mobiliário ainda, mas já não havia mais interesse da pessoa comprar uma coisa decadente, mas que ainda tinha gordura para queimar. Como estava em 47, 48, podia se considerar que a firma estava em decadência. Lenta, mas ainda tinha muita gordura para queimar.

E houve também um golpe fatal, em 1955, seis meses antes de eu assumir. Essa foi uma das razões que me aborreceu muito e eu resolvi

“Houve um momento, em 48, 49, que pensei em vender. Esse foi um momento interessante, sem dúvida, porque eu tinha 15 anos de idade e um dia o meu tutor chegou para mim e perguntou: ‘Você quer vender a firma?’ E eu disse: ‘Mas como vem perguntar isso para mim? Com 15 anos de idade, o que eu vou responder?’”

mandar toda a diretoria embora. De repente, perdemos as representações das máquinas. Um dia chegou a notícia dos Estados Unidos de que nós não éramos mais representantes das máquinas. Isso foi um golpe cruel e muito violento e eu nunca soube o porquê.

A última vez que fui a Cubatão foi quando estavam dismantelando a fábrica, quando estavam destruindo os galpões. Depois, conseguimos oferecer o terreno para a Prefeitura, foi uma boa saída para a Prefeitura também. A fábrica ali estava condenada, não ia poder ficar. Mesmo que eu tivesse levado adiante meus outros planos, que a companhia continuasse existindo, aquela fábrica seria demolida mais cedo ou mais tarde. Se não fosse naquela época, seria 10 anos depois, porque estava no centro da cidade.



A diretoria da fábrica reunida em foto de 1958; Gerd Jürgens é o jovem alto, de óculos, no centro

A IMPORTÂNCIA DA CIA. DE ANILINAS

Não é fácil apontar os fatores que incidiram na falência da Cia. Anilinas de Cubatão, e nem é esse o propósito deste texto. No entanto, como o assunto desperta o interesse pela polêmica que circundou a vida de seus funcionários após a falência da fábrica, vale ressaltar alguns pontos. Certamente, a questão se insere no desenrolar da empresa de John Jürgens, cuja morte inesperada, em 1943, sem um herdeiro em condições de dirigi-la, deixou a Companhia sem uma liderança empresarial e, portanto, vulnerável às mudanças no cenário econômico pós-Segunda Guerra. Não pode ser ignorada a pressão política sobre seu proprietário, alemão de nascimento, aliada à paralisação das importações de matérias-primas.

Da mesma forma, é interessante observar o engessamento do capital da empresa na compra de imóveis, no final dos anos 40 e início dos 50, impedindo a movimentação do capital de giro, o que resultou na dependência de empréstimos bancários para novos investimentos, num momento em que a política brasileira passava por transformações significativas. Tais fatores influenciaram no rumo da empresa como um todo, incluindo a fábrica de Cubatão. Além disso, o Brasil que surgia após os anos 50 era outro. O país caminhava para a industrialização de base, e as antigas empresas ou se fundiam com as novas ou terminavam suas atividades.

Em termos de importância, é fato que a Cia. de Anilinas, em Cubatão, extrapola os limites do município por ser uma fábrica em ascensão no início do século 20, especialmente numa área incipiente naquele momento, que era a de produtos químicos e corantes. Foi a primeira fábrica de anilinas e tintas vegetais do estado de São Paulo e, embora fosse uma “empresa carioca em São Paulo”, a fábrica figura entre as que fizeram o estado de São Paulo emergir como líder na industrialização brasileira. José Jobim, no seu livro *História das Indústrias no Brasil* (1942, p. 199-200), coloca a Cia. de Anilinas e Productos Químicos do Brasil, a denominação dos anos 20, como a única de destaque nesse segmento no país.

Para Cubatão, a fábrica significou a inserção local em um contexto industrial, antes mesmo das políticas desenvolvimentistas de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, que culminariam na instalação da Petrobras no município, abrindo caminho para a criação do polo industrial cubatense.





Logotipo da fábrica

Fábrica
&
Cotidiano





Vista da fábrica a partir da estrada de ferro Santos—Jundiaí





Vista parcial do conjunto fabril



BOUTEFORD
VILLAGE MANS
20 KM



Uma das portarias da fábrica





Em primeiro plano, alguns dos vários galpões, à direita, parte das casas da “colônia”, e, à esquerda, ao fundo, escritório e casa de hóspedes, atual gibiteca.



Bananal dentro da área da fábrica (acima) e vista dos prédios principais ainda com as duas chaminés (abaixo); na página ao lado, a torre de bicarbonato

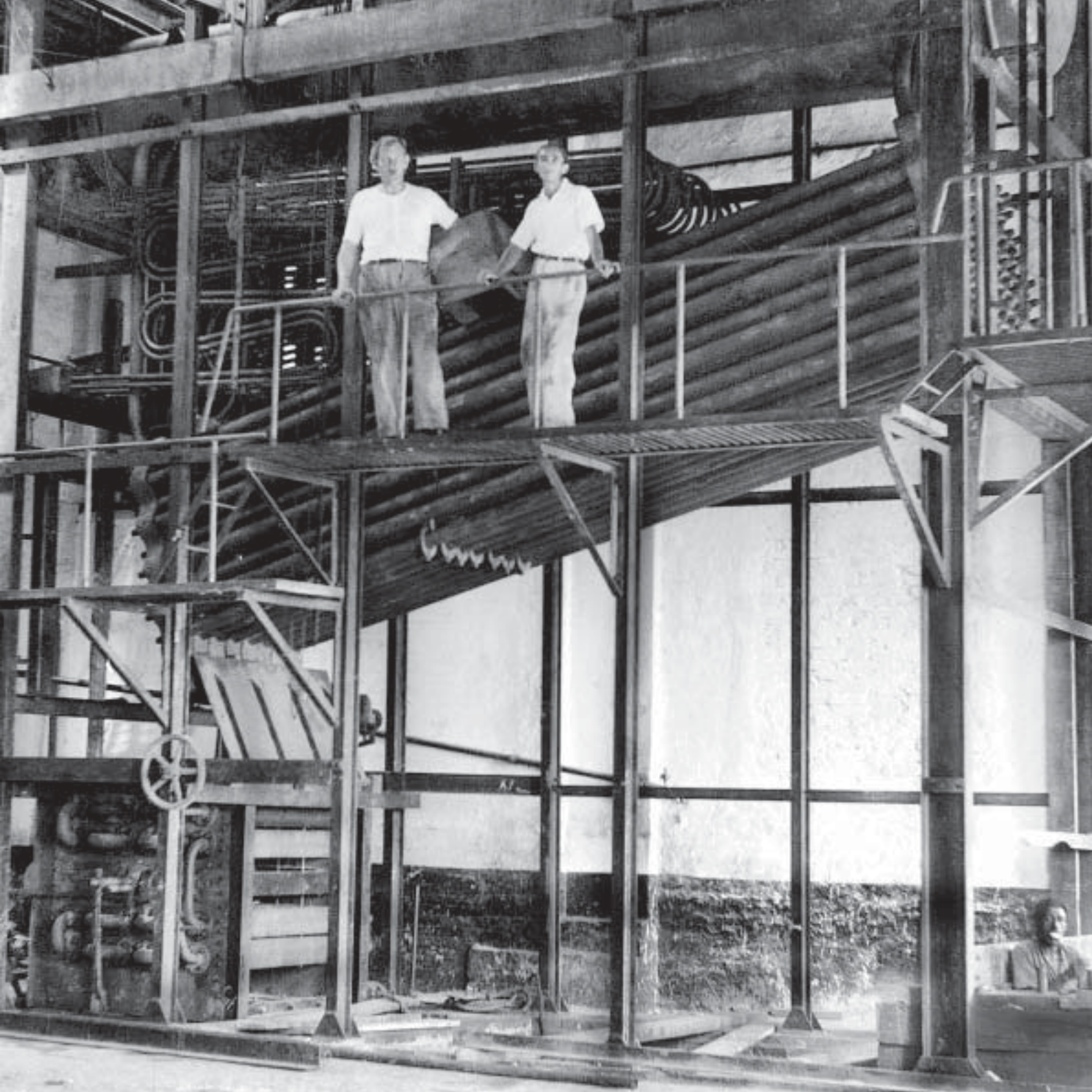


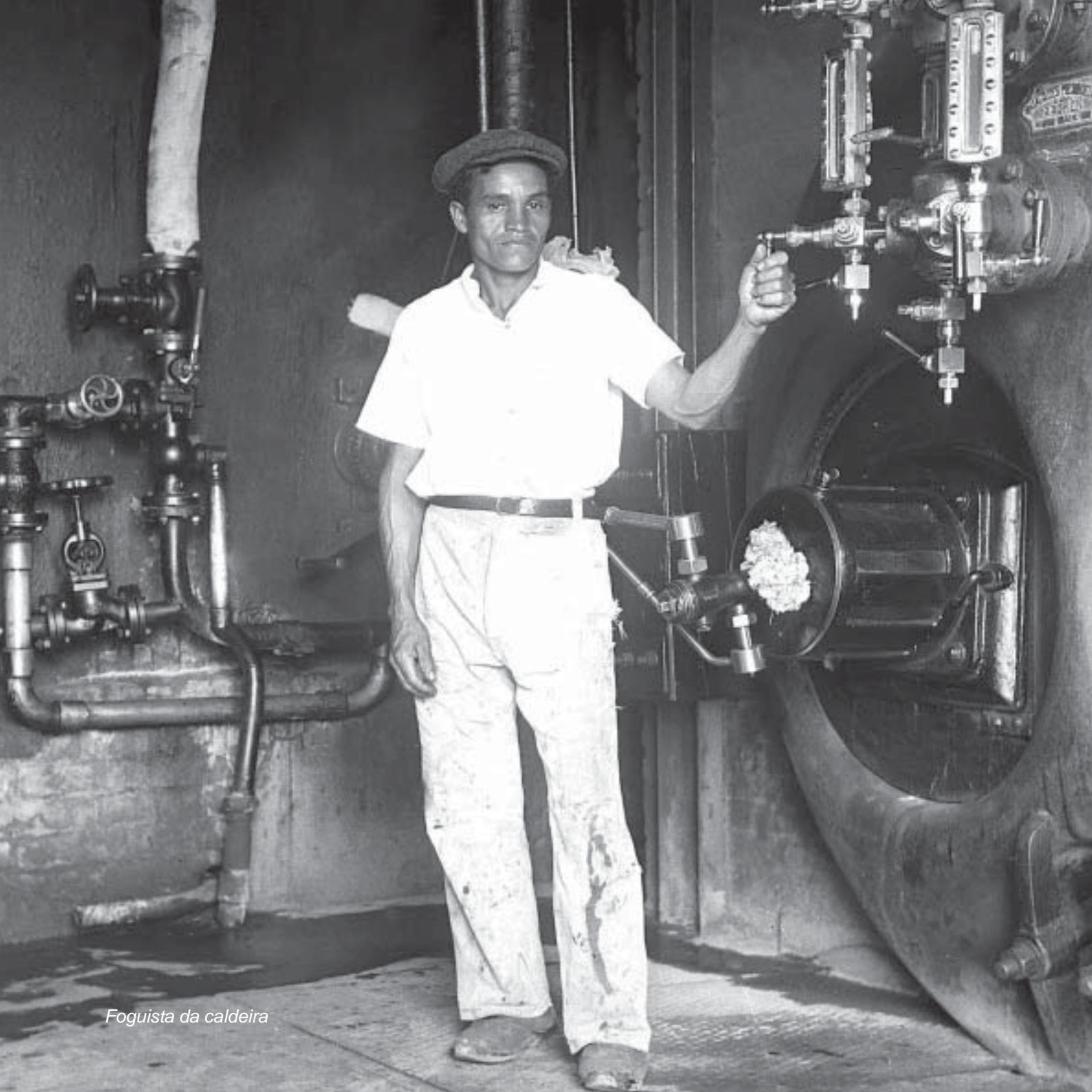


*A torre de
bicarbonato*



O diretor da fábrica Paul Stephan (ao centro) com funcionários; na página ao lado, montagem da caldeira a lenha da seção de filme de leite





Foguista da caldeira



Moinho da Química



*Mecânicos da
fábrica
(acima), o o
funcionário
Nelson
Damião
utilizando o
transmissor (à
esquerda)
e Gustavo
Roebbelen
próximo à
portaria*





*O casal
Roebbelen em
barco no Rio
Cubatão, uma
das principais
fontes de lazer de
Cubatão em
meados do
século passado
(acima); ao lado,
diretores da
fábrica participam
de churrasco*





O trampolim feito por funcionários no Rio Cubatão (acima); famílias se divertem em uma das margens (abaixo); na página ao lado, o jovem Gustavo Roebbelen brinca com crianças







Enchente em Cubatão (acima); -abaixo, enchentes em dois momentos, no final dos anos 30 e no início dos 60 ; ao lado, vista da região central de Cubatão na década de 30 a partir da Cia. de Anilinas



Acervo Ondina Silva



BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Júlio Carlos Afonso; AGUIAR Renata de Melo. *A evolução dos reagentes químicos comerciais através dos rótulos e frascos. Química Nova*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 5, p. 837-844, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/qn/v27n5/a27v27n5.pdf>. Acesso em: 15 maio 2009.
- Assim foi a Anilinas de vida muito agitada.* Jornal Cidade de Santos, 2 de julho de 1967, p. 3.
- AZEVEDO, Fernando (Org.). *As ciências no Brasil*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1955. v. 2.
- BLAY, Eva A. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- BONDUKI, Nabil G. *Origens da habitação operária no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, FAPESP, 1998.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Recenseamento do Brasil*: realizado em 1 de setembro de 1920 - Indústria. Rio de Janeiro: Typografia da Estatística, 1927 (Vol. V, 1ª. Parte).
- CARRARA, Ernesto; MEIRELLES, Hélio. *A indústria química e o desenvolvimento do Brasil 1500-1889*. Tomo I – Dos primórdios da alquimia ou Brasil Imperial. São Paulo: Metalivros, 1996.
- CHUMBO, Helena da Silva. *A fábrica de Anilinas*. Cubatão, 03 de agosto de 2008. Entrevista concedida a Celma de Souza Pinto.
- CORREIA, Telma de Barros. *Moradia e trabalho: o desmonte da cidade empresarial*. Anais do VII Encontro Nacional da Anpur. Recife, 1997, p. 715-727.
- COUTINHO. Afrânio. *Brasil e brasileiros de hoje*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1961.
- COUTO, Joaquim Miguel. *Entre estatais e transnacionais: o Pólo Industrial de Cubatão*. 2003. (Doutorado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2003.
- CUBATÃO. Prefeitura Municipal. *Boletim comemorativo do 2º. ano da administração municipal*. Cubatão, 1975-1977.
- DEAN, W. *São Paulo's industrial elite, 1890-1960*. Florida: University of Florida, 1964.
- _____. *A industrialização de São Paulo, 1880-1945*. São Paulo: Difel, 1971.
- _____. *A fábrica São Luiz de Itu: um estudo de Arqueologia Industrial*. Anais de História, Assis, n. 8, 1976.
- ELLIOTT, Lilian Elwyn. *Brazil today and tomorrow*. New York: Mc Millan Fellow of the Royal Geographical, 1921.
- FAMÍLIAS podem perder seus lares.* Jornal Cidade de Santos. Cidade de Santos, 13/agosto/1973, p. 12.
- FALÊNCIA da Cia. de Anilinas Produtos Químicos e Material Técnico.* Jornal A Tribuna, 18/junho/1967, p. 18.

GOLDENSTEIN, Lea. *Cubatão e sua área industrial*. In: ARAÚJO FILHO, José Ribeiro de. *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo, USP, 1965. v. 4.

_____. *A industrialização da Baixada Santista: estudo de um centro industrial satélite*. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1972.

GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. *A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais*. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* (ANPUR), v. 7, n. 1, p. 17-53, 2005.

HABER, L. F. *The Chemical Industry 1900-1930*. Oxford: Claredon Press, 1971.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

INAUGURAÇÃO do parque, A. A Tribuna. 21/outubro/1979, p. 28.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Industrial: municípios segundo grupo de indústrias* – Dados Sináticos. Rio de Janeiro, 1958.

_____. Serviço Nacional de Recenseamento. *Censo Industrial de 1960*: São Paulo (VII Recenseamento Geral do Brasil, série regional, v. III – tomo VI). IBGE, Rio de Janeiro, 1966.

JOBIM, José. *História das indústrias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

JÜRGENS, Gerd Gustav John. *A fábrica de Anilinas*. Cubatão, 30 de novembro de 2007. Entrevista concedida a Celma de Souza Pinto, transcrita e depositada no Arquivo Histórico de Cubatão. 20 p.

MAIA, Sonia Maria de Souza. *A fábrica de Anilinas*. Cubatão, 28 de maio de 2007. Entrevista concedida a Celma de Souza Pinto.

MENDONÇA, Darci Chumbo de. *A fábrica de Anilinas*. Cubatão, 03 de agosto de 2008. Entrevista concedida a Celma de Souza Pinto.

MOREIRA, Daniele Couto. *Arquitetura ferroviária e industrial: o caso das cidades de São João Del-Rei e Juiz de Fora – 1875 – 1930*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos (dissertação de mestrado), 2007.

PARQUE MUNICIPAL, sonho de Cubatão que será realizado. Cubatão, o Jornal da cidade, 30/dezembro/1973, p. 5

PERALTA, Inez Garbuio. *O impacto da industrialização sobre o desenvolvimento de Cubatão*. 1979 (Tese de Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1979.

PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999, p. 22-3.

PINTO, Celma do Carmo, ROEBELLEN, Guiomar. *Fábrica de Anilinas*. Prefeitura Municipal de Cubatão, s/d.

Processos Municipais n.ºs. 6902/70, 17/49, 82/51.

RHEINBOLDT, Heinrich. *A Química no Brasil*, In: AZEVEDO, Fernando (Org.). *As ciências no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1955. v. 2, pp. 9-88.

SANTOS, Dilce Ferreira dos. *A fábrica de Anilinas*. Cubatão, 03 de agosto de 2008. Entrevista concedida a Celma de Souza Pinto.

SILVA, Ondina Silva e Silva. *A fábrica de Anilinas*. Cubatão, 28 de maio de 2008. Entrevista concedida a Celma de Souza Pinto.

SINDICATO dos trabalhadores químicos. Imprensa de Cubatão, 4/dezembro/1960, p. 4.

SINDICATO dos trabalhadores químicos. Jornal de Cubatão, 5/outubro/1969, p. 10.

SUZIGAN, W. *Indústria brasileira: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 2000.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. *As indústrias Matarazzo: patrimônio industrial no interior paulista (1920 –1960)*. 2004 (Tese de Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2004.

LOTE No. 11,
ÁREA, 18,150 m²

PRODUÇÃO

cia, da cultura



empresa de gestão cultural

PATROCÍNIO



carbocloro

APOIO



Ministério
da Cultura



ISBN 978-85-905229-3-5



9 788590 522935